



*Maria Raquel Silva de Oliveira*

**GERAÇÃO SANDUÍCHE: ANÁLISE DA SOLIDARIEDADE PARA COM OS  
SEUS PAIS IDOSOS E FILHOS NA FASE DA ADULTEZ EMERGENTE**

**DISSERTAÇÃO DE MESTRADO**

**MESTRADO INTEGRADO EM PSICOLOGIA**

2011

Universidade do Porto  
Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação

**GERAÇÃO SANDUÍCHE: ANÁLISE DA SOLIDARIEDADE PARA COM OS  
SEUS PAIS IDOSOS E FILHOS NA FASE DA ADULTEZ EMERGENTE**

**Maria Raquel Silva de Oliveira**

**Outubro | 2011**

Dissertação apresentada no mestrado Integrado em Psicologia, Faculdade de Psicologia e Ciências de Educação na Universidade do Porto para obtenção do grau de Mestre em Psicologia, sob a orientação da Professora Doutora Susana Coimbra (F.P.C.E.U.P.).

## Resumo

Nos últimos anos, a sociedade portuguesa, à semelhança do que tem acontecido com outras sociedades ocidentais, tem sofrido profundas alterações demográficas, sociais e culturais. Estas alterações produzem inegável impacto nas estruturas e dinâmicas familiares.

Paralelamente ao forte envelhecimento da nossa população (decorrente da redução da natalidade e do aumento da esperança média de vida) verifica-se um maior incentivo dos jovens a investir na educação, a prosseguir os seus projectos vocacionais, saindo, portanto, cada vez mais tarde da casa dos pais. O nosso estudo visa contribuir para a caracterização da designada geração sanduíche, procurando perceber de que modo distribuem o seu apoio/ajuda a estas duas gerações (filhos na fase da adultez emergente e pais idosos). Como aspectos preponderantes para a solidariedade intergeracional propomo-nos estudar, para além de algumas variáveis sócio-demográficas, variáveis como a qualidade da relação percebida (satisfação e criticismo) com os pais e filhos, as características psicológicas individuais intrapsíquicas ou da personalidade (altruísmo), características psicológicas psicossociais associadas aos valores (familismo e individualismo) e aos estereótipos em relação às pessoas idosas (idadismo).

Os resultados sugerem quatro conclusões fundamentais sendo que a geração sanduíche a ter de optar entre pai e mãe, opta pela ajuda à primeira; entre ter de optar pela ajuda aos pais ou aos filhos, opta pelos filhos; as mulheres são as principais cuidadoras da família, seja em relação aos progenitores, seja em relação aos descendentes; e talvez devido à solidariedade intergeracional se fazer sobretudo no feminino, a satisfação com a relação surge como o preditor mais importante da ajuda prestada ao pai, à mãe e aos filhos.

**Palavras-chave:** solidariedade intergeracional; geração sanduíche; idosos; adultez emergente.

## **Abstract**

In recent years, the portuguese society, similar to what has happened with other western societies have undergone profound demographic, social and cultural rights. These changes produce an undeniable impact on family structures and dynamics.

Line with the strong aging of our population (resulting from reduced fertility and increased life expectancy) there is a greater incentive to invest in youth education, to continue their vocational projects, leaving, therefore, increasingly later his parents' home. Our study aims to contribute to the characterization of the designated sandwich generation, sensing how they distribute their support / help these two generations (children at the stage of emerging adulthood and aging parents). How musts for intergenerational solidarity we propose to study, in addition to some socio-demographic variables such as perceived relationship quality (satisfaction and criticism) with parents and children, the psychological characteristics of individual intrapsychic or personality (altruism), psychological characteristics associated with psychosocial values (familism and individualism) and stereotypes about the elderly (age).

The results suggest four main conclusions is that the sandwich generation to have to choose between father and mother, opts for first aid; to choose between having the help to parents or children, goes for children; women are the primary caregivers of family, in relation to parents, either in relation to offspring; and perhaps due to intergenerational solidarity do especially in women, satisfaction with the relationship appears to be the most important predictor of help given to the father, mother and children.

**Keywords:** intergenerational solidarity; sandwich generation; seniors; emerging adulthood.

## Résumé

Ces dernières années, la société portugaise, semblable à ce qui s'est passé avec d'autres sociétés occidentales ont subi une profonde démographiques, sociaux et culturels. Ces changements produisent un impact indéniable sur les structures familiales et la dynamique.

Ligne avec le forte vieillissement de notre population (résultant de la diminution de la fécondité et l'espérance de vie a augmenté) il ya une plus grande incitation à investir dans l'éducation des jeunes, à poursuivre leurs projets professionnels, en laissant, par conséquent, de plus en plus tard, la maison des parents. Notre étude vise à contribuer à la caractérisation de la génération sandwich désigné, sentant combien ils distribuent leur soutien/aide de ces deux générations (enfants, au stade de l'âge adulte émergents et des parents vieillissants). Comment moûts pour la solidarité intergénérationnelle, nous proposons d'étudier, en plus de certaines variables socio-démographiques tels que la qualité perçue des relations (de satisfaction et de la critique) avec les parents et les enfants, les caractéristiques psychologiques des intrapsychiques individuelles ou de personnalité (l'altruisme), les caractéristiques psychologiques associées à des valeurs psychosociales (familialisme et individualisme) et les stéréotypes concernant les personnes âgées (l'âge).

Les résultats suggèrent quatre conclusions principales est que la génération sandwich d'avoir à choisir entre le père et la mère, opte pour les premiers secours; à choisir entre l'aide aux parents ou aux enfants, va pour les enfants; les femmes sont les principales dispensatrices de soins de la famille, en relation avec les parents, soit par rapport à la descendance; et peut-être à cause de la solidarité intergénérationnelle ne surtout chez les femmes, la satisfaction de la relation semble être le plus important prédicteur de l'aide accordée au père, mère et enfants.

**Mots-clés:** la solidarité intergénérationnelle; génération sandwich; les personnes âgées; l'âge adulte émergent.

## **Agradecimentos**

Contrariamente do aquilo que se possa pensar, uma dissertação de mestrado não se encerra numa tarefa individual. É muito mais do que isso, nomeadamente, um cruzamento de conhecimentos e ensinamentos, e portanto, uma experiência partilhada. Por este motivo, desejo expressar o meu mais sincero agradecimento a todos aqueles que com as suas palavras, ensinamentos e estímulos, fizeram parte deste percurso.

Contudo, dirijo o meu agradecimento especial à Professora Doutora Susana Coimbra. Se este trabalho traduz o culminar de cinco anos de curso, tal não teria sido possível sem a sua notável orientação. Agradeço não só todo o apoio técnico, mas toda a atenção, disponibilidade e paciência demonstrada ao longo destes dois anos.

Também não podia deixar de agradecer a todos os participantes do estudo, casais que no seu quotidiano atarefado encontraram tempo para participar neste trabalho e também aos filhos dos mesmos que foram os responsáveis que os questionários chegassem até eles. Sem a colaboração de ambos, esta investigação não teria sido possível.

<b>Introdução</b>	<b>1</b>
<b>Capítulo I- Enquadramento teórico</b>	
1. Geração sanduíche	5
1.1 Geração sanduíche com filhos na fase adultez emergente	9
1.2 Geração sanduíche e Idosos	10
1.2.1. Idadismo	11
2. Cuidadores	13
2.1 Cuidadores informais e cuidadores formais	13
2.2 Quem são os cuidadores	13
2.3 Qualidade da relação	14
2.4 Motivações para o acto de cuidar	15
3. Solidariedade	17
4. O Individualismo e o Colectivismo	19
5. Altruísmo	21
<b>Capítulo II- Estudo Empírico</b>	
1. Objectivos, variáveis e hipóteses de estudo	23
2. Método	
2.1 Participantes	26
2.2 Instrumentos	26
2.2.1 Escala de solidariedade familiar (familismo) e do individualismo de Matias & Fontaine (2003)	26
2.2.2 “Escala do Altruísmo”	28
2.2.3 Network of Relationships Inventory (Furman & Buhrmester, 1992)	28
2.2.4 Escala de Idadismo de Fabroni	29

2.2.5 Subescala da solidariedade funcional do Índice da solidariedade familiar intergeracional de Bengston & Roberts (1991)	30
2.2.6 Questionário Complementar	32
2.3 Reflexão falada	32
2.4 Procedimento de recolha de dados	32
3. Apresentação dos resultados	34
4. Discussão dos resultados	41

<b>Conclusões</b>	<b>44</b>
-------------------	-----------

<b>Bibliografia</b>	<b>47</b>
---------------------	-----------

## **Anexos**

### Anexo 1 | Escalas originais

- a. Escala de solidariedade familiar (familismo) e do individualismo de Matias & Fontaine (2003)
- b. “Escala do altruísmo”
- c. Network of Relationships Inventory (Furman & Buhrmester, 1992)
- d. Escala de idadeísmo de Fabroni
- e. Subescala da solidariedade funcional do índice da solidariedade familiar intergeracional de Bengston & Roberts (1991)

### Anexo 2 | Questionário Complementar

## **Quadros**

Quadro 1 | Poder discriminativo dos itens da escala da solidariedade familiar (familismo)

Quadro 2 | Análise factorial da escala da solidariedade familiar (familismo)

Quadro 3 | Poder discriminativo dos itens da escala do individualismo

Quadro 4 | Análise factorial da escala do individualismo

Quadro 5 | Poder discriminativo dos itens da escala do altruísmo

Quadro 6 | Análise factorial da escala do altruísmo

Quadro 7 | Poder discriminativo dos itens da escala da qualidade da relação com os pais

Quadro 8 | Análise factorial da escala da qualidade da relação com os pais



- Quadro 9 | Poder discriminativo dos itens da escala da qualidade da relação com os filhos
- Quadro 10 | Análise factorial da escala da qualidade da relação com os filhos
- Quadro 11 | Poder discriminativo dos itens da escala do idadismo
- Quadro 12 | Análise factorial da escala do idadismo
- Quadro 13 | Poder discriminativo dos itens da escala de ajuda ao pai
- Quadro 14 | Análise factorial da escala da ajuda ao pai
- Quadro 15 | Poder discriminativo dos itens da escala de ajuda à mãe
- Quadro 16 | Análise factorial da escala da ajuda à mãe
- Quadro 17 | Poder discriminativo os itens da escala de ajuda aos filhos
- Quadro 18 | Análise factorial da escala da ajuda aos filhos
- Quadro 19 | Análise da regressão múltipla para a VD: *ajuda ao pai*
- Quadro 20 | Análise da regressão múltipla para a VD: *ajuda à mãe*
- Quadro 21 | Análise da regressão múltipla para a VD: *ajuda aos filhos*

São evidentes as mudanças demográficas e socioculturais ocorridas na generalidade das sociedades ocidentais. Tal como Carter & McGoldrick (1995) referem, (i) a fertilidade tem sido cada vez menor; (ii) a esperança média de vida aumentou, particularmente nas mulheres; (iii) os papéis de género alteraram-se, existindo, nomeadamente, um número crescente de mulheres que desempenham uma carreira profissional; (iv) as migrações tornaram-se mais frequentes, observando-se, designadamente, o rumo à cidade, onde existe mais oportunidade de emprego, com consequente desertificação e envelhecimento da população nas áreas rurais; (v) os níveis educativos têm vindo a aumentar; (vi) o acesso a bens e serviços massificou-se; e (vii) as atitudes em relação à família diversificam-se, existindo novas formas de família aceitáveis, como as uniões de facto, mas também novas práticas e solidariedades que se implementam e estabelecem.

Também os dados relativos à sociedade portuguesa reflectem estas mudanças. Segundo o Instituto Nacional de Estatística (2008), nos últimos anos em Portugal, as principais tendências demográficas são o abrandamento do crescimento populacional total e o envelhecimento populacional. Segundo a mesma fonte, registou-se uma taxa de crescimento anual de 3.5% para a população com mais de 85 anos de idade e de 2.7% com mais de 75 anos. Ao mesmo tempo, em 2007, o índice sintético de fecundidade atingiu o valor mais baixo de que há registo na demografia portuguesa, saldando-se em 1.33 crianças por mulher. Existiam, em 2008, cerca 114 idosos por cada centena de jovens (INE, 2008). A redução nas taxas de mortalidade para todas as faixas etárias entre 2002 e 2007 tiveram como corolário o aumento da esperança média de vida à nascença. Em 2005-2007, este valor situou-se nos 75.18 anos para a população masculina e 81.57 anos para a feminina.

Se este cenário se mantiver, e as projecções assim o indiciam, o envelhecimento da população portuguesa prosseguirá, com importantes repercussões, tanto ao nível económico, como social, tanto ao nível macroeconómico, como ao nível micro-sistémico familiar. A questão da sustentabilidade financeira do sistema de reformas e pensões e da competição de recursos entre gerações está na agenda política e social actual e reveste-se de polémica. O impacto da coexistência entre várias gerações no contexto de cada família também é digno de atenção.

Paralelamente ao forte envelhecimento da nossa população, verifica-se um maior incentivo dos jovens a investir na educação, a prosseguir os seus projectos vocacionais com vista à aquisição futura de uma profissão que lhes possibilite não só a realização pessoal, como a obtenção de autonomia económica. Isto implica, por si só, que a entrada no mercado de trabalho se faça mais tardiamente. Além disso, as modificações no mercado de trabalho vieram também introduzir alterações no tradicional processo de continuidade entre estudos e inserção profissional. A outrora previsível sequência entre a conclusão dos estudos e a integração na vida activa vê-se hoje abalada por desajustamentos e fracturas entre a oferta e a procura, mesmo entre os jovens com formação superior.

Geram-se, assim, percursos de transição para a vida activa mais diversificados, que evidenciam as transformações do sistema educativo e do mundo laboral como, por exemplo, opções de formação que não eram inicialmente desejadas pelos jovens ou dificuldades de encontrar um emprego compatível com a formação adquirida (Elejabeitia, 1997). Estas alterações afectam todos os jovens, incluindo os jovens licenciados, para os quais frequentemente as expectativas associadas ao investimento na formação académica não têm correspondência no mercado de trabalho, tanto em termos de estabilidade de emprego, como em termos de estatuto profissional (Elejabeitia, 1997). Apesar destas dificuldades, é cada vez maior o número de jovens de ambos os sexos que prossegue estudos universitários.

As transformações estruturais dos sistemas de ensino e de formação e do mundo do trabalho induzem também a períodos mais longos de coabitação entre pais e filhos adultos (Cordon, 1997; Rossi, 1997), facilitados por mudanças culturais, que permitem, hoje em dia, aos jovens optar pela “coabitação entre gerações” (Rossi, 1997).

Face a este panorama nacional, que conjuga um aumento da esperança média de vida dos idosos com um adiamento da saída dos filhos de casa, propomo-nos estudar os adultos da geração sanduíche (adultos de meia idade, “ensanduichados” entre as responsabilidades familiares em relação a filhos e pais). Nomeadamente, interessa-nos explorar de que modo distribuem o seu apoio/ajuda a estas duas gerações (filhos na fase da adultez emergente e pais idosos). Como aspectos preponderantes para a solidariedade intergeracional propomo-nos estudar, para além de algumas variáveis sócio-demográficas, variáveis como a qualidade da relação, a identificação com valores individualistas/familistas, altruísmo e estereótipos em relação aos idosos (idadismo).

A opção por este tema justificou-se com dois motivos principais: o primeiro diz respeito à escassa literatura neste âmbito, em particular no contexto nacional, sendo que os investigadores têm dado uma maior atenção à relação entre os progenitores e os filhos quando estes ainda são crianças ou adolescentes; e o segundo devido à contemporaneidade e pertinência do tema, agravada com a grave crise económica que o nosso país se encontra a atravessar.

A base conceptual adoptada neste estudo corresponde à integração de aspectos englobados em dois principais modelos:

1) Teoria Psicossocial do Desenvolvimento proposta por Erick Erikson em que são apresentados alguns estágios, que ele chamou de psicossociais, onde descreve algumas crises pelas quais o ego passa, ao longo do ciclo vital. Optámos por esta abordagem teórica, pelo seu carácter inclusivo, contemplando as especificidades de cada fase do ciclo vital, e pela sua actualidade, relativamente resistente às mudanças profundas em termos sociais e culturais. Não obstante, não exploraremos empiricamente as questões da identidade associadas a esta teoria.

2) Paradigma da solidariedade familiar intergeracional (Bengston) que aborda os comportamentos e sentimentos que unem as gerações, fornecendo uma nomenclatura e levantando hipóteses relativamente à forma como as famílias interagem e do tipo de laços que as unem.

No capítulo I, fazemos o enquadramento conceptual do nosso estudo. Na parte introdutória começamos por caracterizar a geração em foco no nosso estudo, a geração sanduíche (GS) e seguidamente procedemos à explicitação das relações entre esta com a geração mais velha (dos seus pais idosos), e com a geração dos mais novos, filhos na fase da adultez emergente. Nesta fase, tendo por base a literatura, analisamos a influência de variáveis como a qualidade da relação, distância geográfica, sexo, estado civil, habilitações literárias. Analisaremos ainda o altruísmo e os valores individualistas/colectivistas associados à ajuda prestada pelos adultos da GS aos seus pais e filhos. Exploraremos também a possível influência dos estereótipos em relação aos idosos (idadismo) na ajuda prestada aos mesmos.

No capítulo II, relativo ao estudo empírico, procedemos à descrição dos seus objectivos, variáveis e hipóteses de estudo. Seguimos com a descrição da metodologia da investigação: caracterização da amostra, dos instrumentos de medida e reflexão falada. Descreveremos o procedimento de recolha de dados e apresentaremos e

discutiremos os resultados. Por fim, na conclusão, salientamos as principais conclusões do nosso estudo, fazendo referência às suas limitações metodológicas e referimos o possível contributo dos estudos intergeracionais para a construção de intervenções integradas, fundamentadas e continuadas no terreno.

## **Capítulo I - Enquadramento teórico**

### **1. Geração sanduíche (GS)**

O que se convencionou designar por pessoas ou casais de “meia-idade” assumiu, no final do século XX e princípio do século XXI, características bem diferentes das que se verificavam no passado. As inúmeras mudanças demográficas e socioculturais vieram despoletar várias alterações nas vivências privadas e públicas das pessoas, casais e famílias que se encontram nesta fase do ciclo de vida.

A designação de “casais de meia-idade” diz respeito aos adultos a partir dos 45 anos até mais ou menos os 60/65. Contempla a situação de todos os casais que, com ou sem filhos, mantém uma relação conjugal. Existem três conceitos – tempo, processo e mudança - que são fundamentais para a compreensão da conjugalidade no que se refere às respectivas qualidade, estabilidade e funcionalidade (Heaton, 1991; Relvas, 1996). Neste sentido, Pina Prata (1994) afirma que, não existe um padrão linear de mudança, com passagens progressivas de uns estados para os outros, mas antes um padrão recorrente de mudança cíclica, com avanços e recuos.

Esta etapa do casal é deveras importante na medida em que implica um conjunto de transições familiares e de tarefas de desenvolvimento pessoal (biológicas, psicológicas e sociais), para além da função parental (Ribeiro, 2001). O casal e o sistema familiar como um todo vão ter que se reestruturar (Carter & McGoldrick, 1989), criando novos padrões de relação e abandonando papéis e funções que se tornem desajustadas aos desafios da nova fase. Mais precisamente, revela-se imperativo perceber e corresponder aos novos desafios do casal “pós-parental”, uma vez que se trata de uma outra fase da conjugalidade, em que é necessário desenvolver as tarefas do casal de meia-idade, bem como desenvolver relações adulto/adulto entre pais e filhos, expandir as relações familiares, de modo a incluir noras/genros e netos, cuidar da geração mais idosa, desenvolver relações intergeracionais (Ribeiro, 1996). A qualidade conjugal é um factor importante a considerar. Ela varia ao longo do ciclo de vida todavia os estudos efectuados sobre a influência do tempo na satisfação conjugal não são conclusivos. Verifica-se, somente, alguma concordância, um pouco curiosa, na identificação de um padrão curvilíneo em que a qualidade conjugal se apresenta mais elevada nos primeiros anos de relação, seguida de um declínio que coincide com o crescimento e adolescência dos filhos e com os anos intermédios da relação, voltando a

aumentar após a meia-idade (Feeney, Noller & Ward, 1997; Glenn, 1990, 1998; Levenson, Carstensen & Gottman, 1994). Estes dados estão portanto, em sintonia com a teoria segundo a qual, a partir da adultície e ao longo da vida, as pessoas vão aumentando a proximidade emocional e atribuindo maior importância às relações significativas. No entanto, existem outras investigações (Fletcher & Thomas, 2000; Thomas, Fletcher & Lange, 1997: 839) que revelam dados opostos nomeadamente que à medida que a idade vai avançando, se verifica “uma diminuição da capacidade dos indivíduos para avaliar com precisão os estados cognitivos e afectivos dos seus parceiros durante a interacção conjugal quotidiana”.

McCullough & Rutenber (1989) anunciam que, enquanto para algumas pessoas e alguns casais esta será uma fase de desconstracção e plenitude, ou seja, uma segunda oportunidade para consolidar ou expandir novos caminhos e papéis, para outros significará um tempo de perturbação (conflitos, divórcio), um tempo de vazio ou de “ninho vazio” (sem os filhos para preencher a vida), um tempo de decadência (doença, enfrentar as suas próprias limitações e a morte dos mais idosos).

Como facilmente se percebe, esta fase envolve todo o sistema familiar nas relações particulares intra e intergerações, sendo o próprio sentido de família testado a vários níveis. Trata-se de um período em que os adultos desempenham uma diversidade de papéis: marido/mulher; pai/mãe; sogro/sogra; avô/avó; filho/filha de pais idosos (Ribeiro, 2001). Assim, por se tratar de uma geração que está entre filhos (adolescentes e jovens adultos) e pais idosos, sendo que ambos exigem apoio diferenciado da geração do meio, Zal (1992) designa-os por “geração sanduíche”.

Na designada meia-idade, os adultos confrontam-se com uma multiplicidade de experiências que apelam a reestruturações relacionais e concorrem para a tomada de consciência da finitude da vida. Desde logo, o declínio e morte dos pais, no momento em que o próprio corpo dá sinais de perda de juventude. Os pais que precisam ser cuidados são uma estranha versão de filhos (Oldham, 1989), mas a caminho da morte e não da vida. Ao tornarem-se “pais” dos seus próprios pais, os adultos de meia-idade experimentam a perda de suporte da geração anterior, ao mesmo tempo que devem adaptar-se à emancipação dos filhos que, mesmo quando não saem de casa, já não são os filhos da infância, mas competem pelo poder e influência na família, tal como a sua geração compete pelo poder na sociedade. Os adultos de meia-idade ainda são quem frequentemente detém a responsabilidade na família e na sociedade, a geração que

comanda – mas que fundamentalmente faz a ponte entre a geração dos mais velhos e a geração dos mais novos.

Para além dos anos de meia-idade serem caracterizados pela experiência psíquica interna de confronto com a morte (a morte de que a geração mais velha se aproxima) também se verifica um balanço e avaliação da vida vivida, aquela que a geração dos mais novos está agora a atravessar. O tempo urge, há sonhos que já não se podem realizar, há sonhos realizados que não deram a satisfação esperada. O tempo urge, porque limitado. Elliot Jacques falou de crise da meia-idade: “A morte e a crise da meia-idade” (Jacques, 1965). A noção de crise tem sido questionada, fundamentalmente pela conotação negativa do termo, a que alguns autores opõem o de transição, uma das várias transições do percurso de desenvolvimento, envolvendo eventualmente um revisitar de problemas não resolvidos. Não parece que esta ideia se afaste da de crise adaptativa, que pode conduzir a uma experiência interna diferente pela elaboração de perdas – a perda de juventude, a perda de ilusões de onnipotência, fundamentalmente a de imortalidade, a perda dos pais e a aceitação da sua realidade, porque finalmente eles já não podem vir a ser como sonhámos. O que esta transição terá de particular face a outras já vividas é que abre caminho para a última parte da vida, através da reavaliação da vida passada. O balanço que dela se faz – mais positivo ou mais negativo – influi fortemente nos processos de elaboração e reestruturação que podem ou não ocorrer, e na capacidade de aceitação e adaptação ao envelhecimento.

Este período da vida encontra-se intimamente relacionado com o sétimo estágio da Teoria Psicossocial do Desenvolvimento proposto por Erick Erikson, designado *Generatividade Versus Estagnação*. “Normalmente ocorre desde os 30 aos 60 anos, não havendo porém uma idade comum a todas as pessoas” (Rodrigues, 2001:283).

Trata-se de um dos mais extensos dos estádios e resume-se no conflito entre educar, cuidar do futuro, criar e preocupar-se exclusivamente com os seus interesses e necessidades. Bem mais do que educar e criar os filhos representa uma preocupação com o contentamento das gerações seguintes, uma descentração e expansão do Ego empenhado em transformar o mundo num lugar melhor para viver. Se o desenvolvimento e descentração do Ego não ocorre, ou seja, se se dá o fracasso na expansão da generatividade, o indivíduo pode estagnar, preocupar-se quase unicamente com o seu bem-estar e a posse de bens materiais. “O egocêntrico fecha-se nas suas ambições e pouco ou nada dá de si aos outros” (Rodrigues, 2001:283). Segundo Hall, Lindzey & Campbell (2000:175):



*«A ritualização deste estágio, é a ritualização de paternidade/maternidade, produção, ensino, cura e assim por diante, papéis em que o adulto age como transmissor de valores ideais para os jovens. As distorções da ritualização geracional expressam-se pelo ritualismo do autoritarismo. O autoritarismo é o confisco ou a usurpação da autoridade incompatível com o cuidado».*

A virtude própria deste estágio é o cuidado, a inquietação com os outros, o querer fazer algo por alguém.

Trata-se de um período de desafio, cujo estudo é essencial, numa perspectiva de intervenção e prevenção, porque muito se pode ganhar para pôr a render nos últimos anos da vida. Entender a meia-idade permite não só ajudar a viver melhor este período, mas todos os anos futuros, pois há ainda suficiente capacidade de força e investimento na vida para que se possam operar reestruturações. Paralelamente, pela sua colocação de charneira entre duas gerações adultas, a intervenção no adulto de meia-idade terá naturalmente consequências na sua relação com a geração dos mais velhos, mas também com a geração dos filhos.

Os sacrifícios pessoais e financeiros feitos pelos membros da geração sanduíche têm sido destacados nos média (Anderson 1999; Immen 2004). Segundo Williams (2004), em 2002, cerca de 712.000 canadianos entre 45 e 64 anos de idade afirmaram estar “presos” entre as responsabilidades de criar os filhos e cuidar dos seus pais idosos. Como consequência, 15% tiveram que reduzir o seu horário laboral, 20% tiveram que mudar as suas rotinas e 10% experimentaram uma redução substancial nos seus recursos económicos. Não surpreendentemente, esses indivíduos também sentiram o peso em termos de saúde e da vida social. No entanto, nem todas as consequências da prestação de cuidados são negativas. Mais de 60% das pessoas que cuidam de uma pessoa mais velha e ainda têm filhos em casa referiram que cuidar de um idoso significa dar de volta o que tinham recebido (retribuição de afectos) e 70% afirmaram mesmo que a relação foi reforçada.

Um estudo de Grundy & Henretta (2006) com mulheres da geração sanduíche dos EUA e Grã-Bretanha acrescentou dados ainda mais interessantes sendo que verificaram uma superioridade de ajuda aos filhos quando comparada com a ajuda prestada a um pai ou sogro. Para além destas constatações, verificaram uma maior proporção de ajuda entre as casadas. A mesma investigação forneceu algumas

evidências de que ter três ou mais filhos estava associado a uma probabilidade reduzida de fornecer ajuda aos pais. Chama-se, assim, a atenção para a limitação de recursos destas pessoas e famílias, em particular do género masculino, e como muitas vezes essa limitação é indissociável competição onde os filhos podem ser prioridades face aos pais.

### **1.1 Geração sanduíche com filhos na fase de adulez emergente**

A geração sanduíche ocupa uma fase do ciclo de vida das famílias também designada na literatura por “ninho vazio” (McCullough & Rutenberg, 1989; Carter & McGoldrick, 1989). Esta designação, deve-se ao facto de ser uma altura em que, tradicionalmente, os filhos saem de casa para viver independentes dos pais (constituindo ou não outras famílias) e o casal fica, de novo, só. No entanto, actualmente observa-se um nítido prolongamento da coabitação dos filhos com os seus pais, em particular nos países do sul da Europa. Neste sentido, o estudo da transição para a vida adulta tem vindo a merecer um interesse crescente nas últimas décadas.

Jeffrey Jensen Arnett (1994, 1998, 2000, 2004) propôs recentemente a Teoria da Adulez Emergente, como forma de conceptualizar o desenvolvimento das jovens gerações nas sociedades contemporâneas. De acordo com esta teoria, é possível identificar uma nova etapa desenvolvimental no ciclo dos indivíduos – a chamada adulez emergente.

Arnett (1994, 1998, 2000, 2004) define a adulez emergente como uma etapa desenvolvimental distinta, entre o fim da adolescência e o início da idade adulta, situando-se preferencialmente entre os 18 e 25 anos (embora se possa propagar até mais tarde, consoante o contexto social do jovem). Diz respeito ao período em que os jovens já não são adolescentes, mas também ainda não possuem as características normativas da idade adulta.

O facto de se verificar um menor controlo parental e a ausência das responsabilidades inerentes aos papéis de adulto, faculta aos adultos emergentes uma variedade de direcções a explorar, nomeadamente em termos afectivos e profissionais. Assim, este é um período marcado por tarefas desenvolvimentais associadas à exploração e onde se vive alguma instabilidade e mesmo indefinição de percursos de vida. Neste sentido, Arnett (2004) entende que esta etapa é marcada por alguns paradoxos pois se, por um lado, se trata de um período onde impera o sentimento de liberdade de exploração e sonhos em relação à idade adulta, existe também a outra “face

da moeda”, isto é, a instabilidade e a dificuldade em aceder às oportunidades, fazendo deste período um tempo de incertezas e ansiedades em relação ao futuro.

Ainda segundo Arnett (2004), a adultez emergente é o resultado de forças culturais presente em países industrializados e pós-industrializados, onde os princípios vigentes do individualismo tornaram as práticas de socialização mais abrangentes e diversificadas, e a complexificação social proporcionou o adiamento de tarefas normativas de entrada na idade adulta, nomeadamente o casamento e a parentalidade.

Nestas sociedades, alguns jovens experimentam um “período de espera” mais longo antes de entrar na idade adulta, quer porque ainda se encontram a estudar, quer porque o mercado de trabalho é instável e precário e não lhes proporciona a estabilidade financeira suficiente para serem auto-suficientes. Assim, este “período de espera” pode revelar-se num tempo de exploração em que os jovens se confrontam com um leque alargado de experiências e tarefas em termos afectivos, profissionais, identitários e ideológicos que gradualmente se irão transformar em opções para a vida adulta (Arnett, 1997, 2000).

Tendo em conta uma das bases conceptuais do nosso estudo, importa acrescentar que segundo os estádios de desenvolvimento psicossociais propostos por Erikson, os indivíduos que se encontram nesta fase da vida encontram-se no estágio intitulado *Intimidade versus Isolamento* (aproximadamente dos 18 aos 30 anos). Segundo o autor, neste estágio do desenvolvimento psicossocial o interesse, além de profissional, gravita em torno da construção de relações profundas e duradouras, podendo vivenciar momentos de grande intimidade e entrega afectiva. Caso ocorra uma decepção a tendência será o isolamento temporário ou duradouro.

## **1.2 Geração sanduíche e Idosos**

Os indivíduos vivem cada vez mais anos e, pela primeira vez na História, os idosos tornam-se um núcleo da população relevante. O aumento da esperança de vida traduz-se num número crescente de idosos que vivem mais tempo, quer livres de dependência, quer em situação de dependência. Os avanços da medicina e as melhorias da qualidade de vida das populações aumentam a duração da vida, mas inevitavelmente as incapacidades associadas ao processo do envelhecimento continuam a fazer-se sentir (Sousa, Figueiredo & Cerqueira, 2004). Neste período, observa-se, por isso, muitas vezes um aumento de despesas com saúde e com encargos relacionados com a dependência. Ao mesmo tempo, comumente as entradas financeiras e o suporte social

tendem a diminuir, colocando os membros desta faixa etária numa situação de grande vulnerabilidade. Por estes motivos, é frequente observar-se uma reaproximação mais forte entre pais e filhos. No final da vida, os filhos adultos são elementos-chave para o apoio e ajuda prestados à maior parte dos pais idosos, coincidindo e/ou competindo muitas vezes com as necessidades dos seus próprios filhos adultos emergentes.

Importa acrescentar que esta fase final da vida é contemplada no último estágio da Teoria Psicossocial do Desenvolvimento proposta por Erick Erikson, designado *Integridade Versus Desespero*. Ocorre frequentemente a partir dos 60 anos e é “marcado por um olhar retrospectivo, ponderando sobre o que fizemos da vida, revendo escolhas, realizações, opções e fracassos” (Rodrigues, 2001:283). Segundo Erickson (1972, cit. in Vandenplas-Holper, 2000), o idoso adquire, ao longo do oitavo e último estágio do seu desenvolvimento, o sentido de integridade. Se, pelo contrário, o idoso expressa o sentimento de que o tempo é curto para recomeçar uma outra vida e experimentar novas alternativas, o desespero pode tomar lugar (Costa, 1991).

A sabedoria é a virtude resultante de uma boa resolução da crise associada a esta última fase da vida emergindo dela o sentimento de que a nossa vida não foi em vão. Contudo, verificam-se muitas vezes constrangimentos externos a esta boa resolução, nomeadamente sob a forma de dificuldades financeiras, de declínio da autonomia e saúde e de estereótipos em torno do que é ser idoso.

### **1.2.1 Idadismo**

Actualmente, vivemos numa sociedade que cultiva a imagem, a actividade, a beleza, o dinamismo, a produtividade. Numa sociedade voltada para o consumo, o envelhecimento, o ser idoso ou velho tende a ser encarado de forma negativa. Na medida em que exercem grande influência negativa ao nível do bem-estar económico, social e psicológico dos idosos, estas atitudes acabam por desempenhar um papel central na forma como os membros de diferentes gerações interagem na sociedade contemporânea. Esta questão revela-se, deste modo, pertinente quando se pretende abordar as relações intergeracionais e a sua influência ao nível do bem-estar social, da inclusão e da promoção da solidariedade entre gerações.

A discriminação de pessoas baseada na sua idade designa-se por idadismo ([idade + (rac)ismo]). Segundo Butler (1978: 14) “o idadismo é uma profunda desordem psicossocial caracterizada pelo preconceito institucional e individual contra os idosos,

estereótipos, elaboração de mitos, aversão e/ou evitamento”. Dentro do próprio grupo etário também poderá haver idadeísmo, como é o caso de alguns idosos que têm uma imagem e atitude depreciativa face à velhice. O termo é comparável com outros grandes “ismos”, nomeadamente o racismo e o sexismo. Porém, ao contrário destes dois últimos, que dizem respeito a uma parte da população, todas as pessoas estão inevitavelmente sujeitas ao avanço da idade.

Segundo Lima (2010) o referido termo é composto por uma componente afectiva (sentimentos face à pessoa idosa), uma componente cognitiva (pensamentos, crenças e estereótipos face à pessoa idosa) e uma componente comportamental (atitudes para com a pessoa idosa).

Ferreira (2007) enumera alguns dos estereótipos associados à velhice:

- A maioria dos idosos é senil ou têm demência;
- A maioria dos idosos sente-se miserável a maior parte do tempo;
- A maior parte dos idosos está doente e necessita de assistência para as suas actividades diárias;
- A maioria dos idosos está isolada e sozinha.

Mas não existem apenas características negativas associadas a esta faixa etária. No que diz respeito aos estereótipos positivos associados à velhice, Baltes & Smith (2000, cit. in Sousa, Figueiredo & Cerqueira, 2004) registam particularmente dois relacionados com a sabedoria: compreensão excepcional (utiliza o bom senso, aprendeu com as experiências, vê os acontecimentos num contexto mais amplo, é um observador perspicaz, perscruta a essência da situação, tem abertura de espírito e independência de pensamento) e habilidade de comunicação e julgamento (é fonte de bons conselhos, compreensivo, capaz de entender a vida, apto a abranger todas as opiniões numa decisão e competente a pensar cuidadosamente antes de decidir).

De acordo com Osório & Pinto (2007:118) *“se, durante a vivência, o homem incorporar valores estereotipados e negativos em relação ao idoso, esses valores irão nortear a sua afectividade para com os velhos e para consigo mesmo futuramente, pois não se pode olvidar que esse período da vida-velhice- é peculiar a todos, porque todos são membros potenciais do grupo classificado como idoso”*. Mas, se pelo contrário se possuir uma afectividade positiva em relação aos idosos, esta representará uma grande possibilidade de encarar a velhice com naturalidade e tranquilidade, alcançando uma convivência mais harmoniosa com os idosos e consigo mesmo.

## **2. Os cuidadores**

Silverstein, Parrott & Bengtson (1995) referem que existem 2 grandes motivações para os comportamentos solidários – o altruísmo de quem presta ajuda e a necessidade de quem é ajudado. Analogamente, a investigação no domínio da solidariedade intergeracional tem enfatizado dois grandes motivos por detrás das trocas de ajuda entre membros da família: o altruísmo e a reciprocidade. As pessoas tendem a adoptar comportamentos, atitudes e valores de ajuda em relação aos membros da família que têm maior necessidade da mesma (altruísmo). Contudo, um balanceamento ou reciprocidade também são esperados nesta ajuda ao longo do ciclo de vida: os pais tendem a ajudar os filhos até relativamente tarde na vida e depois, quando a sua saúde, autonomia e poder financeiro entram em declínio, tendem a ser alvo de ajuda dos seus filhos (Lennartsson, Silverstein & Fritzell, 2010).

### **2.1 Cuidadores informais e cuidadores formais**

Existem duas modalidades diferentes de cuidar, ou prestar cuidados: o cuidador formal e informal (MTS, 2001, cit. in Ferreira, 2007) O cuidador formal é aquela pessoa que presta cuidados a outra numa base contratual, isto é, estabelece uma relação com o utente/cliente profissional e qualificada, comprometendo-se a prestar-lhe cuidados sob orientações específicas, sob recompensa pecuniária e/ou material pelo exercício das suas funções. Já o cuidador informal presta cuidados na base da solidariedade, seja como um acto de voluntariado, ou motivado por um sentimento pessoal, como a amizade ou um vínculo de parentesco, como o que une pais e filhos, sem esperar contrapartidas.

### **2.2 Quem são os cuidadores**

Existindo ou não a possibilidade de decidir acerca da assunção de cuidados, quando se trata de um idoso, há um conjunto de factores que determinam as regras que influenciam esse processo. Assim, os estudos têm revelado que existe uma maior probabilidade de se tornar cuidador quando se é cônjuge ou filho da pessoa cuidada. Em termos de género, é mais provável serem as mulheres a desempenhar o papel de cuidadoras. São também as pessoas, em particular os filhos, mais próximas física e/ou geograficamente aquelas que têm maior probabilidade de se tornar cuidadoras. Quanto à idade, a média etária varia entre os 45 e os 60 anos, isto é, pessoas pertencentes à designada “geração sanduíche”. No entanto, obviamente, a idade dos cuidadores é

influenciada pela idade da própria pessoa que necessita de cuidados, isto é, quanto mais velha for a pessoa dependente, mais velho será o cuidador. Em relação ao estado civil, a investigação revela que os casados constituem a maior proporção daqueles que prestam cuidados a um familiar idoso dependente. Logo a seguir estão os solteiros ou divorciados/separados, sendo as proporções menos significativas relativas aos viúvos. Uma última variável particularmente importante na tipologia dos cuidadores é a qualidade da relação: quanto maior a proximidade afectiva, maior a probabilidade de alguém se tornar cuidador de outra pessoa (Le Bris, 1994).

### **2.3. Qualidade da relação**

Os conflitos familiares, com origem em divergências de opiniões e atitudes dos diferentes elementos da família, são normativos. Os conflitos são quase inevitáveis entre os mais idosos – convencidos da verdade da sua experiência de vida, da certeza das suas opções, dos valores de segurança e estabilidade – e os mais novos, desejosos de inovar, ousados e independentes (Ribeiro, 2001). Contudo, ainda segundo a mesma autora, a atracção é, também, natural, porque os mais novos sabem que é aos mais velhos que vão buscar as suas raízes e os mais velhos sabem que serão os mais novos que lhes darão continuidade. Sabem que são parte uns dos outros.

A emergência de conflitos entre pais idosos e filhos adultos parece estar sobretudo associada a questões de heranças, a outras relações com os membros por afinidade (genros, noras...), a expectativas díspares (Sousa, Figueiredo & Cerqueira, 2004) ou mesmo à própria prestação cuidados e às relações de autonomia e dependência que se passam a estabelecer.

O dinheiro é um tema importante das relações familiares durante todo o ciclo de vida, fazendo emergir sentimentos (de amor, inveja, compaixão e zanga). Desenrolam-se, todavia, por detrás de palco, isto, é, têm um papel oculto. Também as relações pais-filhos e filhos-filhos são afectadas pela forma como os idosos gerem o seu dinheiro e tomam decisões sobre heranças, podendo os conflitos surgir a este nível. Da mesma forma, o casal pode discordar com a distribuição do dinheiro ou da forma como se gasta ou poupa o mesmo (Sousa, Figueiredo & Cerqueira, 2004).

No caso de se verificar a morte de um dos progenitores, por vezes, segue-se a coabitação com o outro que fica viúvo, o que vai exigir novos reajustamentos no sistema de relações familiares. Nesta altura, é com relativa frequência que se desenvolvem ou acentuam desentendimentos entre irmãos ou irmãs do casal de meia-

idade que, face à necessidade de ajuda no apoio à geração mais idosa, não dão o contributo esperado (Ribeiro, 2001).

A questão da qualidade da relação é particularmente importante no âmbito da solidariedade intergeracional, parecendo interagir com o género. O afecto, a intimidade e/ou a proximidade emocional surgem como factores preponderantes na origem da ajuda prestada aos pais, por parte das mulheres adultas. No caso dos homens, ganham relevância factores mais pragmáticos como os associados à obrigação, à herança ou aos laços familiares (Silverstein, Parrott & Bengtson, 1995). De facto, esta interacção também parece estar associada ao tipo de ajuda que mulheres e homens tendem a prestar: as filhas tendem a prestar mais apoio emocional, enquanto que os homens tendem a prestar mais apoio instrumental. Esta interacção com o género parece importante na medida em que, enquanto que quando existe proximidade emocional tende a existir menos percepção de fardo com a ajuda prestada aos pais, quando essa ajuda é motivada por sentimentos de obrigação a percepção de fardo é maior (Cicirelli, 1993).

#### **2.4. Motivações para o acto de cuidar**

Como tem sido referido, subjacentes à função de cuidador estão sempre uma amálgama de motivações: dever (moral e/ou social), religião, sentimentos de amor ou piedade, recompensa material e evitamento da institucionalização. Também a proximidade afectiva ou qualidade da relação e a solidariedade conjugal, filial ou familiar assumem particular relevância (Le Bris, 1994; Nocon & Pearson, 2000).

A noção de dever surge como uma motivação importante na literatura. Do mesmo modo, o amor, ternura e afecto, a proximidade afectiva ou a qualidade da relação assumem um peso considerável. Como vimos no ponto anterior uma e outra motivação parecem interagir com o género.

A motivação que raramente é assumida mas que existe é a recompensa material. Na verdade, nem todos se envolvem desinteressadamente, vislumbrando imediatamente as possíveis heranças.

Uma outra motivação prende-se com o evitamento da institucionalização precisamente pela carga negativa que, quer o idoso quer a família, lhe atribuem. No entanto, enquanto os lares são percebidos como uma alternativa mais extrema e menos desejável, a prestação de cuidados ao domicílio já não o é, pois permite que o idoso



permaneça no seu lar, onde poderá dentro das suas limitações, maximizar o controlo sobre a sua vida (Stone, 2001).

Para além das motivações que foram destacadas, podem existir outras como a coabitação de longa data, proximidade geográfica, inexistência de estruturas de apoio, custo financeiro da institucionalização num lar demasiado caro.

A solidariedade é particularmente relevante nos laços filiais e noutros laços familiares. Neste sentido, será importante tentar perceber como é que os membros das famílias se organizam, partilham recursos e em simultâneo, dão continuidade às suas funções na família, considerando que dispõem actualmente de mais tempo de vida do que os indivíduos de outras gerações (Bengtson, 2001, cit. in Queirós, 2005).

### 3. Solidariedade

O uso mais conhecido do vocábulo solidariedade nas ciências sociais deve-se a Durkheim. A solidariedade durkheimiana diz respeito à relação entre indivíduo e colectividade, sendo discerníveis nas sociedades humanas dois tipos de solidariedade (que correspondem, grosso modo, a duas fases evolutivas): a *solidariedade mecânica* das sociedades primitivas, onde os indivíduos pouco diferem uns dos outros, e a *solidariedade orgânica* das sociedades modernas e diferenciadas, onde a coerência social é assegurada pelas diferentes funções dos indivíduos (Vala, Cabral & Ramos, 2003). Segundo os mesmos autores, a solidariedade nas sociedades tradicionais europeias é fundamentada como uma das virtudes cristãs. No processo de industrialização, reentrou o conceito de solidariedade também associado às classes sociais, nomeadamente na explicação dos movimentos operários. Assim, eis que surgiram duas grandes tradições de solidariedade: o pensamento cristão tradicional, direccionado para a ajuda de caridade para os mais necessitados, e a prática política de esquerda, cuja solidariedade é realizada em nome da justiça social (Duvignaud, 1986).

Existe um modelo teórico da solidariedade familiar, um modelo organizativo das relações intergeracionais, que tem sido desenvolvido e estudado empiricamente por Bengtson e os seus colaboradores.

Este paradigma fornece uma nomenclatura e levanta hipóteses relativamente ao tipo de laços que se estabelecem nas famílias, em particular ao modo como os familiares interagem e se ajudam reciprocamente. De acordo com Bengtson, Giarrusso, Mabry & Silverstein (2002), a partir dos resultados da pesquisa deste modelo, a localização estrutural e as mudanças socioculturais afectam, de facto, as famílias. Assim, revela-se necessário registar os efeitos positivos e negativos das mudanças da sociedade que afectam intensamente a vida das famílias.

Têm sido identificadas 6 dimensões das relações entre pais e filhos adultos ou seis componentes da solidariedade intergeracional familiar (Bengtson & Roberts, 1991; Bengtson & Shrader, 1982; Mangen, Bengtson & Landry, 1988; Silverstein, Giarrusso & Bengtson, 1998): associacional ou associativa, afectiva, consensual, funcional, normativa e estrutural. A solidariedade associacional ou associativa refere-se à frequência de contacto social e actividades partilhadas entre gerações.

A solidariedade afectiva reflecte o grau de proximidade emocional entre gerações e julgamentos subjectivos relativos à qualidade da interacção. Inclui as

percepções de proximidade, calor e satisfação com a interacção e a mutualidade de sentimentos para cada um. A solidariedade consensual descreve o grau de semelhança, acordo (ou conflito) de crenças e valores entre gerações. A solidariedade funcional, refere-se ao apoio e assistência transferidos entre gerações. Inclui o apoio e serviço financeiro, instrumental e emocional. A solidariedade normativa inclui o familismo ou obrigações normativas. Descreve as percepções de obrigações e expectativas acerca das conexões intergeracionais. Por fim, a solidariedade estrutural inclui os factores que potenciam ou reduzem a oportunidade de interacção social entre gerações (e.g., distância geográfica, saúde, nível de actividade).

Em geral, o que se verifica é que quanto maior é a interacção entre os membros da família, maiores são as probabilidades de emergirem sentimentos de proximidade que, por sua vez, alimentarão maior associação (Homans, 1950, cit. in Bengtson & Roberts, 1991).

De acordo com Bengtson & Roberts (1991), o balanço relativamente implícito que os membros fazem da troca de amor e apoio emocional, assim como de apoio funcional, não se limita às interacções actuais, mas engloba também as interacções que se vão acumulando ao longo da história da relação, ao longo do ciclo de vida. Deste modo, as percepções individuais do balanço das trocas intergeracionais têm um impacto positivo nos sentimentos de afecto de pais e filhos (*solidariedade afectiva*) e nas taxas de interacção futuras (*solidariedade associacional*) (Queirós, 2005).

Níveis mais elevados de afecto conduzirão a maiores probabilidades de associação entre pais e filhos adultos e espera-se ainda que os níveis de afecto sejam mutuamente reforçadores entre a díade. Estes dados mais uma vez reforçam a importância da qualidade da relação nas relações intergeracionais e, em particular, na ajuda instrumental prestada (*solidariedade funcional*). Contudo, para além da proximidade geográfica (*solidariedade estrutural*), os valores subscritos por cada membro da família (*solidariedade normativa*) também constituem uma importante dimensão neste modelo.

#### **4. O Individualismo e o Colectivismo**

Triandis (1993, 1995, 1996) define o *individualismo* e o *colectivismo* como *síndromes culturais*. Consistem na partilha de atitudes, crenças, normas, papéis e definições do *eu*, sendo os valores dos membros de cada cultura organizados de forma coerente em torno de um tema. Em culturas predominantemente colectivistas, existe tendência para um modo de vida mais centrado na sociedade; por outro lado, em culturas individualistas, contempla-se uma ênfase do indivíduo (Gouveia & Vidal, 1998 cit. in Gouveia et al. 2003); Markus & Kitayama, 1991).

Pode dizer-se que o individualismo expressa uma valorização da própria intimidade e individualidade e uma procura do sucesso pessoal. Neste tipo de orientação, o indivíduo coloca-se por cima dos grupos em todos os aspectos. As relações pessoais são frequentes, porém contratuais. Este padrão provoca geralmente uma separação dos familiares e uma ruptura com os ancestrais, dando-se ênfase ao presente, com um grau elevado de complexidade e competitividade social (Gouveia, Clemente & Vidal, 1998). Alguém que é individualista pensa, sente e actua de modo a privilegiar os seus próprios objectivos e proveitos, importando em menor medida o contexto social em que se encontra ou os interesses das pessoas que a ele pertencem (Gouveia, 2001 cit. in Gouveia et al. 2003).

O colectivismo define uma tendência à cooperação e ao cumprimento com os demais. O grupo importa mais do que a própria pessoa. Internamente nos grupos, tais indivíduos mantêm fortes relações entre si e podem partilhar os mesmos interesses. O indivíduo actua tendo em consideração o contexto e as demais pessoas com as quais partilha o sentido de pertença grupal (Gouveia et al. 2003).

O familismo representa um subtipo de colectivismo, especialmente focado nas relações com família. Tem sido definido a partir de características estruturais, atitudinais e comportamentais que operam no sistema de família extensa e prende-se com a percepção de direitos, deveres e obrigações para com a família por parte dos seus membros (Heller, 1976; Realo, Allik & Vadi, 1997).

Também de acordo com Fontaine & Matias (2003), o familismo envolve as três dimensões supra-referidas: a dimensão estrutural, a dimensão atitudinal e a dimensão comportamental. A primeira demarca as fronteiras sociais e espaciais dentro das quais os comportamentos ocorrem e as atitudes adquirem significado. Deste modo, o familismo está associado ao sentimento de pertença ao grupo familiar (nós), relativamente ao qual as outras pessoas são externas/intrusas, à valorização da unidade

familiar e à assumpção de que terras, dinheiro e outros bens materiais são propriedades familiares. A dimensão atitudinal refere-se à identificação do sujeito com os interesses e bem-estar da família. Diz respeito à coesão familiar, envolvendo os diferentes graus de vinculação e afinidade durante o contacto com os membros da família, bem como a preocupação pela perpetuação da família. A dimensão comportamental, envolve, por sua vez, a interligação completa das actividades individuais para alcançar objectivos familiares, bem como o apoio, a protecção e a assistência aos membros que deles necessitem.

De acordo com um inquérito europeu sobre valores levado a cabo por Vala, Cabral & Ramos (2003) regista-se uma esmagadora adesão em Portugal à ideia de que os filhos devem aos pais um amor incondicional, independentemente das pessoas que eles são em concreto. “Os 83% que se registam em 1999 no nosso país contrastam, sobretudo, com o caso sueco, onde os mesmos valores são minoritários: apenas 44% dos inquiridos “tendem a concordar” com o ideal” (Vala et al., 2003: 77). Tendo por base o mesmo inquérito, foi possível perceber que a esmagadora maioria da população portuguesa preocupa-se com as condições em que vivem os seus familiares, revelando, portanto, que as solidariedades primárias sobrevivem à modernização e à intervenção do Estado de Providência. No caso da ajuda a idosos, a retribuição do contributo assume um papel preponderante nas motivações dos benévolos. “...A ajuda funciona como um “seguro”, uma garantia de que quem ajudou será ajudado, ainda que não necessariamente pelo beneficiário da sua ajuda” (Vala, Cabral & Ramos, 2003: 227). Um outro resultado interessante deste estudo é que os inquiridos de mais baixa escolaridade revelam maior concordância com as motivações para ajudar os idosos associados ao dever moral, simpatia e interesse próprio ou da sociedade.

## 5. Altruísmo

No presente estudo, importa ainda abordar o altruísmo. Tal como foi referido anteriormente, a motivação altruísta tem sido apontada como uma das mais importantes para a prestação de ajuda. É de admitir que algumas pessoas possam possuir características internas que favoreçam a sua sensibilidade perante a necessidade de outrem. Daí que pareça pertinente uma exploração do altruísmo enquanto dimensão da personalidade.

O Modelo dos Cinco Grandes Factores nasceu dos estudos sobre a Teoria dos Traços de Personalidade. Representou um avanço conceptual e empírico nesta área, pois descreveu dimensões humanas básicas de forma consistente e replicável (McCrae & Costa, 1989, cit. in Hutz et. al., 1988). O modelo do Big Five começou a ser delineado no início da década de 1930, quando McDougall sugeriu analisar a personalidade a partir de cinco factores independentes que, na época, foram denominados intelecto, carácter, temperamento, disposição e humor (John, Angleitner & Ostendorf, 1988 cit. in Hutz et. al., 1988). McCrae & Costa (1989), trabalhavam no centro de pesquisas de Gerontologia do *National Institute of Health* em Baltimore, quando iniciaram um extensivo programa de pesquisas que identificou os chamados cinco grandes factores: Neuroticismo, Extroversão, Abertura, Responsabilidade e Amabilidade.

O factor *Amabilidade* foi denominado originalmente usando o termo inglês *agreeableness*, indicando uma tendência para se ser socialmente agradável, caloroso, dócil, ter boa índole, ser piedoso, confiável e cortês (McCrae & Costa, 1989). Num extremo positivo da dimensão, surgem características como altruísmo, cuidado, amor e apoio emocional; no outro extremo, aparece a hostilidade, indiferença aos outros e egoísmo. O altruísmo inscreve-se, por conseguinte, no pólo positivo desta dimensão da personalidade.

Esta característica é classificada por Korsgaard, Meglino & Lester (1996, cit. in Ebrahim, 2001) como um comportamento pautado pela atenção às necessidades dos outros, envolvendo escolhas em que os indivíduos colocam menos valor nos resultados pessoais e demonstram pouca predisposição para racionalizar acerca dos custos e benefícios.

Mulligan (1996) sublinha que a composição familiar, o tamanho da família, a ordem de nascimento e algumas variáveis da infância, trazem implicações na formação do altruísmo e na transmissão de sentimentos de igualdade ou desigualdade entre as pessoas.

Ma & Leung (1995) acreditam também que a educação informal oferecida pela família, além da educação formal dos programas sociais, favorece orientações altruísticas. Os resultados do seu estudo mostram uma relação positiva entre o ambiente familiar e o altruísmo. Uma forte orientação altruística está substancialmente associada com um ambiente familiar coeso e harmonioso, onde há ênfase constante em actividades intelectuais e culturais.

Embora a influência de modelos na conduta altruísta dependa de várias dimensões, Lourenço (1988) evidencia que um sujeito reúne mais probabilidade de se comportar altruisticamente se forem muitas as ocasiões de observação de modelos altruístas. Ainda segundo o mesmo autor, um potencial doador reúne tanto mais probabilidade de se comportar altruisticamente com um receptor, quanto mais próximo, em termos de distância física, psicológica ou social, dele se encontrar.

De acordo com Leeds (1963), o receptor não é o único a beneficiar da conduta altruísta. Depois de se comportarem altruisticamente, os sujeitos experienciam, muitas vezes, bem-estar, competência e controlo. Para além destes benefícios, existe uma tendência para os indivíduos reciprocarem favores recebidos. Isto significa que o sujeito altruísta é aquele que mais probabilidades reúne de, posteriormente, receber altruísmo (Lourenço, 1988). Para além do que já foi referido, o sujeito altruísta reúne também elevada probabilidade de receber elogio e aprovação social.

Devido à vasta investigação neste domínio, a empatia tem sido indicada como sendo um pré-requisito essencial à existência de altruísmo (Aronfreed, 1970; Hoffman, 1984). Para além disto, outros estudos (Schwartz, 1970; Schwartz & Howard, 1984) evidenciam correlações positivas entre a conduta altruísta e sentimentos de obrigação moral. Assim, um potencial doador reúne tanto mais probabilidade de se comportar altruisticamente, quanto mais elevado é o seu nível de desenvolvimento sócio-cognitivo.

## Capítulo II - Estudo Empírico

### 1. Objectivos, variáveis e hipóteses de estudo

#### Objectivos

Com a realização do nosso estudo, pretende-se:

- Avaliar as diferenças em função das variáveis demográficas (sexo, habilitações literárias, distância geográfica, número de filhos e estado civil) na ajuda prestada pelos adultos da geração sanduíche quer aos seus pais idosos, quer aos filhos adultos emergentes (solidariedade funcional).
- Avaliar a relação recíproca estabelecida entre as variáveis qualidade da relação com pais e filhos (satisfação e criticismo), altruísmo, valores (individualismo e familismo), traços de estereótipos (idadismo) e solidariedade funcional, explorando o valor preditivo das primeiras sobre esta última.

#### Variáveis

No presente estudo, a **variável dependente** é a *solidariedade funcional*, isto é, a ajuda prestada em particular no que diz respeito às dimensões financeira, instrumental e emocional, pelos adultos da geração sanduíche (GS) em relação aos seus pais e filhos.

As **variáveis independentes** são as variáveis demográficas (estado civil, idade, habilitações literárias, sexo, distância geográfica e número de filhos), características psicológicas intrafamiliares associadas à qualidade de relação percebida (satisfação e criticismo) com os pais e filhos, as características psicológicas individuais intrapsíquicas ou da personalidade (altruísmo), características psicológicas psicossociais associadas aos valores (familismo e individualismo) e aos estereótipos em relação às pessoas idosas (idadismo).

Tendo em conta os objectivos propostos, seguem-se as hipóteses de investigação formuladas:



## **I. Diferenças em função de variáveis demográficas**

### **Diferenças em função do Sexo**

**H1.** As mulheres apresentam valores mais elevados de solidariedade intergeracional em relação aos seus pais idosos do que os homens.

**H2.** As mulheres apresentam valores mais elevados de solidariedade intergeracional em relação aos seus filhos adultos emergentes do que os homens.

### **Diferenças em função do Estado Civil**

**H3.** Os indivíduos casados apresentam valores mais altos de solidariedade intergeracional em relação aos seus pais do que os não casados (viúvos, solteiros ou divorciados).

**H4.** Os indivíduos casados apresentam valores mais altos de solidariedade intergeracional em relação aos seus filhos do que os não casados (viúvos, solteiros ou divorciados).

### **Diferenças em função da Distância Geográfica**

**H5.** Os adultos que vivem mais perto dos seus pais apresentam valores mais elevados de solidariedade intergeracional em relação aos mesmos do que os adultos que vivem mais longe.

### **Diferenças em função das habilitações literárias**

**H6.** Os adultos com habilitações literárias mais baixas apresentam maior solidariedade intergeracional em relação aos seus pais, do que os adultos da GS com habilitações literárias mais elevadas.

### **Diferenças em função do Número de Filhos**

**H7.** Os sujeitos com 2 ou mais filhos, apresentam menor solidariedade intergeracional em relação aos seus pais do que os adultos da GS sem filhos ou com somente um.

## **II. Relação entre variáveis**

### **Qualidade da Relação**

**H8.** Os sujeitos com melhor qualidade de relacionamento com os seus pais – maior percepção de satisfação e menor criticismo – são mais solidários com estes, que os sujeitos com pior qualidade de relacionamento com os pais.

**H9.** Os sujeitos com melhor qualidade de relacionamento com os seus filhos – maior percepção de satisfação e menor criticismo – são mais solidários com estes, que os sujeitos com pior qualidade de relacionamento com os filhos.

### **Altruísmo**

**H10.** Os adultos mais altruístas são mais solidários com seus pais e filhos do que os adultos menos altruístas.

### **Valores Individualistas/Colectivistas**

**H11.** Os adultos que apresentam valores mais individualistas e menos familistas são menos solidários em relação aos seus pais idosos do que os adultos que apresentam valores menos individualistas e mais familistas.

**H12.** Os adultos que apresentam valores mais individualistas e menos familistas são menos solidários em relação aos seus filhos do que os adultos que apresentam valores mais familistas e menos individualistas.

### **Idadismo**

**H13.** Os adultos que apresentam índices mais elevados de Idadismo são menos solidários em relação aos seus pais idosos do que os que apresentam índices mais baixos.

## **2. Método**

### **2.1 Participantes**

A amostra é composta por 177 participantes, sendo 79 do sexo masculino (44,6%) e 98 do sexo feminino (55,4%). As idades dos mesmos estão compreendidas entre os 39 e os 68 anos, registando-se uma média de idades de 48 (DP=5,3).

Para ter acesso aos participantes, que se pretendiam pais de filhos na faixa etária da adultez emergente, solicitou-se a colaboração de alguns estudantes da Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade do Porto, a fim de se poder ter acesso ao maior número de dados, no mais curto tempo possível. Trata-se, portanto, de uma amostra de conveniência constituída, primordialmente, por membros da região Norte do país.

As habilitações literárias dos participantes foram agrupadas em quatro grupos sendo que 21,1% dos sujeitos nunca estudou ou tem a 4ª classe, 34,9% tem o 6º ou 9º ano, 24,6% tem o 12º ano ou um curso médio e 19,4 tem um curso superior, mestrado ou doutoramento.

Dos 177 participantes, 105 já não têm pai (52 têm) e somente 51 já não têm mãe (sendo que a maioria -126- ainda têm mãe).

Quanto ao número de filhos, 37 dos participantes têm somente um filho, 98 (a maioria) têm dois, 32 têm três, 8 têm quatro e 1 tem cinco filhos.

No que se refere à distância geográfica em relação aos pais, a maior fatia de participantes (79) encontra-se a menos de 10Km. Já no que diz respeito à habitação, a maioria vive com o marido/esposa e filhos (129).

### **2.2 Instrumentos**

#### **2.2.1 Escala da solidariedade familiar (familismo) e do individualismo de Fontaine & Matias (2003)**

Este instrumento foi elaborado com o objectivo de procurar avaliar a importância que as pessoas atribuem aos seus valores familiares, tendo em conta as dimensões do familismo e do individualismo (*cf. Anexo I.a*).

A escala é composta por 29 itens. As respostas aos itens variam num escala de 7 pontos, desde “1- discordo totalmente” a “6- concordo totalmente”. Importa referir que no presente estudo a escala foi abreviada para 5 pontos.

No estudo de Matias & Fontaine (2003), a análise factorial permitiu identificar três dimensões distintas. Duas introduziram a distinção entre dois aspectos do familismo: o poder e a solidariedade familiar. Já a outra, o individualismo, parece ser independente das primeiras. Os três factores explicam no seu conjunto 35,92% da variância das respostas, sendo 14,95 explicada pelo primeiro factor, 10,94% pelo segundo e 10,03% pelo terceiro. Na análise da consistência interna de cada componente factorial (alpha de Cronbach), foram retirados os itens que faziam baixar a consistência das respectivas escalas factoriais (1 item do factor 2 e dois do factor 3), registando-se assim para o 1º um alpha de 0.83, para o 2º de 0.69 e para o 3º de 0.70.

Tendo em conta os objectivos do nosso estudo, apenas se fez uso da sub-escala referente à solidariedade familiar (um dos aspectos do familismo) e da sub-escala referente ao individualismo.

Os motivos pelos quais se optou por este instrumento prenderem-se, sobretudo, com a pertinência dos constructos avaliados no âmbito do nosso estudo e pelo instrumento já se encontrar adaptado para a população portuguesa com boas qualidades psicométricas, sendo fruto de uma revisão exaustiva de vários instrumentos disponíveis a nível internacional.

Para aferir o poder discriminativo dos itens, calculámos as percentagens das escolhas de cada uma das alternativas de resposta. No que se refere à escala do familismo (*cf.* quadro 1), como se pode verificar pela observação das percentagens de resposta, existem duas alternativas que reúnem um número superior a 70%: é o caso da opção “Concordo Totalmente” nos itens 1 e 4, respectivamente, 81,4 e 73,4% que dizem respeito à importância de se ser completamente leal para com a família e de se honrar e proteger a reputação da família. Contudo, uma vez que os itens apresentaram características satisfatórias quando se procedeu à observação das suas saturações na análise factorial (*cf.* quadro 2) e à análise da consistência interna, mantiveram-se todos os itens. A escala apresenta um valor de  $\alpha$  de Cronbach satisfatório ( $\alpha = ,70$ ).

Em relação à escala do individualismo, não se registaram alternativas que reunissem um número superior a 70% de percentagem de resposta (*cf.* quadro 3). Porém, no que se refere à estrutura factorial (*cf.* quadro 4) e à consistência interna da escala, importa referir que nos vimos obrigados a retirar o item 20, por contribuir para uma diminuição significativa da consistência interna. Com a extracção deste item encontrou-se um  $\alpha = ,685$ .

### 2.2.2 “Escala do altruísmo”

O Inventário da Personalidade NEO Revisto, ou NEO PI-R, tem por base a teoria dos 5 Grandes Factores (ou *Big Five*): Extroversão, Amabilidade, Responsabilidade, Neuroticismo e Abertura. Cada um dos factores é avaliado através de cinco escalas de domínios e trinta escalas de facetas, seis por cada domínio. O teste foi desenvolvido por Paul Costa e Robert McCrae, concebido para indivíduos com mais de 17 anos e sem indícios de psicopatologia.

Para se adaptar o referido inventário à população portuguesa, foram realizados vários estudos que verificaram valores de consistência interna razoáveis. Segundo Lima & Simões (2000), o NEO-PI-R parece ser um instrumento possível de se utilizar no estudo e na compreensão de traços culturais específicos da cultura portuguesa, com boas qualidades psicométricas.

Para o nosso estudo, utilizou-se somente os itens referente ao Altruísmo (*cf. Anexo 1.b*), que diz respeito à subescala de simpatia e amabilidade da NEO-PI (forma S).

Importa referir que os itens das escalas até agora referidos foram apresentados de forma alternada numa mesma página do nosso protocolo de recolha de dados, de modo a reduzir a transparência do objectivo do estudo.

Em relação ao poder discriminativo dos itens, também nesta escala não se registaram alternativas que reunissem um número superior a 70% de percentagem de resposta (*cf. quadro 5*). Tendo por base a análise factorial da mesma (*cf. quadro 6*) realizou-se a reconversão dos itens 3, 9 e 15, e obteve-se um  $\alpha = ,64$ , um valor baixo mas que permite, contudo, a sua utilização para a comparação de grupos.

### 2.2.3 Network of Relationships Inventory (Furman & Buhrmester, 1992) - Para pais e filhos

Segundo Furman & Buhrmester (1985) este instrumento derivou do quadro conceptual de Robert Weiss (1974) e da teoria de Harry Sullivan (1953) das disposições sociais. Para se poder avaliar a qualidade da relação entre os adultos da GS e os seus filhos e os seus pais, foram seleccionados os itens respeitantes à satisfação com a relação e criticismo. Os itens seleccionados podem ser consultados em anexo (*cf. Anexo 1.c*). Importa ainda referir que foram incluídas afirmações relativas quer à relação com

os pais, quer à relação com os filhos, de modo a determinar a qualidade da relação entre as várias gerações.

A escala de resposta é uma escala de Likert de 5 pontos, variando de “1 = Discordo totalmente” até “5 = Concordo totalmente”.

Como se pode verificar pela observação das percentagens de resposta no quadro do poder discriminativo dos itens da escala da qualidade da relação em relação aos pais (*cf.* quadro 7), existe uma alternativa (“Nunca”) que reúne 73,4% das respostas, “os meus pais dizem-me coisas duras e cruéis”. Optámos, contudo, por manter este item, devido ao facto da percentagem máxima de escolha por alternativa de resposta não ultrapassar em muito os 70%. Ainda no seguimento da mesma escala, através da verificação da análise factorial (*cf.* quadro 8) constatou-se que se beneficiaria com a retirada do item 3. Posto isto, tendo em conta os dois itens da satisfação da relação e os quatro itens que expressam uma dimensão mais negativa da relação invertidos, obteve-se uma consistência interna para a escala global de  $\alpha = ,79$ . Para os dois itens do criticismo o valor de  $\alpha$  encontrado foi de ,88 e já para os quatro itens da satisfação, obteve-se um  $\alpha$  de ,81.

Ainda referente a esta escala importa referir que o item 6 diz respeito ao factor conflito e não ao factor criticismo. Contudo, uma vez que se apresentou útil para a investigação e que satura o factor de forma semelhante aos itens originais de criticismo, foi usado em conjunto com estes.

Na mesma escala anterior, mas em relação aos filhos, 71,2% dos sujeitos seleccionaram a alternativa “Nunca” no último item, “os meus filhos dizem-me coisas duras e cruéis” (*cf.* quadro 9). Na análise factorial (*cf.* quadro 10), o item 3 saturou bem o factor e não apresentou qualquer problema para a consistência interna e, por isso, manteve-se. Tendo em conta os três itens do factor satisfação e os quatro de criticismo invertidos, obteve-se uma consistência interna para a escala global de  $\alpha = ,78$ . O valor da consistência interna encontrado para os três itens do factor satisfação foi de ,90 e já para os quatro itens do criticismo foi de ,69.

#### **2.2.4 Escala de idadismo de Fabroni**

Esta escala é composta por 29 itens e foi desenvolvida para reflectir o constructo de idadismo definido por Butler (1978). Representa um avanço significativo na pesquisa

do Idadismo, medindo a sua componente afectiva através de três níveis de preconceito de Allport: antilocução; evitamento e discriminação (Allport, 1958).

A adaptação da Escala de Idadismo de Fabroni para a população portuguesa foi realizada por Neto (2004). Possui bons índices de consistência interna, bem como de validade discriminante e de constructo. Segundo Neto (2004), as relações com outros constructos medidos apoiaram o carácter único da escala, revelando uma reduzida influência da deseabilidade social. Revelou validade do constructo, na medida em que foram obtidos os três factores esperados (antilocução, evitamento e discriminação) da definição de Idadismo, apesar de se tratar de uma versão reduzida comparativamente com o original (Neto, 2004).

Apresenta 25 itens, avaliados numa escala tipo Likert com 5 pontos, desde fortemente em desacordo a fortemente em acordo (1 a 5 respectivamente). Os *scores* obtidos variam, assim, entre 25 (baixos níveis de Idadismo) a 175 (altos níveis de Idadismo). Importa referir que para o nosso estudo, fez-se o uso integral do instrumento e manteve-se a escala de resposta original (*cf. Anexo 1.d*).

Como se pode verificar, pela observação das percentagens de resposta (*cf. quadro 11*), existem alternativas que reúnem um número superior a 70%: é o caso da opção “Fortemente em acordo” no item 11 e da opção “Fortemente em desacordo” no item 14. Optámos, contudo, por manter estes itens, devido ao facto da percentagem máxima de escolha por alternativa de resposta não ultrapassar em muito os 70%.

Em relação à análise factorial da escala, esta levantou alguns problemas (*cf. quadro 12*). Contudo, uma vez retirados os itens 1, 10,11,12,13,14 e 21, e reconvertendo os itens 15, 16 e 17 encontramos uma consistência interna para a escala global de ,82. Esta escala, no nosso estudo, contempla dois factores sendo que primeiro diz respeito a itens de evitamento e discriminação (negativa) e o segundo, a itens de antilocução. Assim, a consistência interna dos itens de evitamento e discriminação [15, 16 e 17 (invertidos), 18, 19, 20, 22, 23 e 25] foi de ,82 e já para os itens de antilocução (2, 3, 4, ,5 ,6 ,7 ,8, 9 e 24) foi de ,76.

### **2.2.5 Sub-escala da solidariedade funcional do Índice da solidariedade familiar intergeracional de Bengston & Roberts (1991)**

Este índice tem por base a noção de que estruturas sociais amplas e que contextos sociais alargados afectam a vida da família e as relações.

A identificação de seis dimensões da solidariedade intergeracional (afecto, associação, consenso, apoio funcional, normas de obrigações familiares, e oportunidades estruturais ou barreiras) surgiu no âmbito de um estudo - o Longitudinal Study of Generations (LSOG)- concebido por Bengston e desenvolvido ao longo de trinta anos, tal como foi referido na primeira parte deste trabalho.

No âmbito do nosso estudo, fizemos simplesmente uso da sub-escala referente à *solidariedade funcional*, com uma versão para a ajuda ao pai, outra para a ajuda à mãe e uma outra para a ajuda aos filhos.

Num estudo recente de Monteiro (2010), a autora optou por uma estrutura factorial de três factores para todo o inventário que designou de *solidariedade normativa, solidariedade afectiva não conflitual e solidariedade funcional dada*. Estes três factores explicaram 40,45% da variância total, dos quais 16,82% pelo factor 1, 13% pelo factor 2 e 10,68 pelo factor 3. No que diz respeito à análise de consistência interna das escalas, revelou factores de alpha de Cronbach aceitáveis para cada uma das subescalas, nomeadamente .83 para a subescala da *solidariedade funcional dada*, aquela que se aproxima da utilizada no nosso estudo.

No nosso estudo, analisando o poder discriminativo dos itens da escala em relação à ajuda ao Pai, pode-se verificar pela observação das percentagens de resposta (*cf.* quadro 13) que existem alternativas que reúnem um número superior a 70%: é o caso da opção “Poucas Vezes” nos itens 1 e 2, e da opção “Frequentemente” do item 3. Optámos, contudo, por manter estes itens, devido ao facto da percentagem máxima de escolha por alternativa de resposta não ultrapassar em muito os 70%.

Não se verificaram problemas de estrutura factorial (*cf.* quadro 14) e alcançou-se um valor de alfa de Cronbach bastante satisfatório ( $\alpha$  ,87).

Na versão que diz respeito à ajuda prestada à Mãe, efectuada a análise do poder discriminativo dos itens, não se registaram alternativas que reunissem um número superior a 70% de percentagem de resposta (*cf.* quadro 15). A análise factorial também não levantou problemas (*cf.* quadro 16), alcançando-se por isso um valor de alfa de Cronbach bastante satisfatório ( $\alpha$  ,85).

Finalmente, na versão respeitante à ajuda prestada aos Filhos, verificou-se, pela observação das percentagens de resposta que existem alternativas que reúnem um número superior a 70%: é o caso da opção “Sempre” nos itens 4 e 7 (*cf.* quadro 17).

A análise factorial também não levantou problemas (*cf.* quadro 18), alcançando-se por isso um valor de alfa bastante aceitável ( $\alpha$  ,85).



### **2.2.6 Questionário Complementar**

O questionário complementar (*cf. Anexo 2*) foi desenvolvido com o objectivo de se ter acesso a informações do agregado familiar e de índole sócio-demográfico que permitissem caracterizar algumas variáveis independentes. A idade, número de filhos, número de filhos a viver em casa, distância geográfica, habilitações literárias do próprio e do cônjuge e frequência de auxílio aos pais e filhos, foram as informações requeridas neste questionário.

As questões eram maioritariamente de resposta fechada, havendo uma só de resposta aberta para que pudessem explicitar os motivos pelos quais prestavam ajuda aos seus pais.

### **2.3 Reflexão falada**

Após o término da selecção dos itens a incluir no nosso protocolo de recolha de dados, procedeu-se à submissão do mesmo a uma reflexão falada, junto de 5 sujeitos. A média de idades do grupo foi de 50 anos, variando as suas habilitações académicas entre o 9º e 12º ano de escolaridade.

Antes mesmo de se iniciar o preenchimento do protocolo, foi solicitado aos participantes que, no caso de detectarem algum erro ou dúvida em relação ao mesmo, deviriam assinalá-lo para se proceder à sua posterior correcção. A primeira página foi lida calmamente, de modo a averiguar se os esclarecimentos fundamentais redigidos eram auto-suficientes no esclarecimento dos sujeitos.

Nesta fase foi possível realizar alguns ajustes na estrutura do protocolo, fruto das propostas dos participantes, tais como, aumentar o espaçamento entre os itens. O preenchimento do mesmo rondou os 20 e os 30 minutos.

No final, a opinião partilhada de todos os participantes era que, apesar de considerarem o questionário extenso, era de fácil compreensão.

### **2.4 Procedimento de recolha de dados**

Para se proceder à recolha de dados, usou-se como estratégia contactar os filhos da “geração sanduíche” que estariam a na fase da adultez emergente (nomeadamente aos estudantes da Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade do Porto), pedindo através destes a colaboração dos seus pais. O contacto foi feito colectivamente, no âmbito de uma Unidade Curricular Teórico-prática. Aquando do

pedido de colaboração, foram esclarecidos o objectivo e o procedimento de colaboração geral do estudo. Foram garantidos o anonimato e confidencialidade da participação.

### **3. Apresentação dos resultados**

#### **Diferenças em função do Sexo**

**H1.** *As mulheres apresentam valores mais elevados de solidariedade intergeracional em relação aos seus pais idosos do que os homens.*

Fazendo uso do Independent-Samples T-Teste, foi possível determinar diferenças estatisticamente significativas nas médias em relação à “ajuda à Mãe” [t(175)= 4,554 p<0,05] mas não em relação à “ajuda ao Pai”. Esta diferença permitiu determinar que as mulheres (M=2,8630; DP= ,5787) revelaram uma tendência superior que os homens (M=2,490; DP= ,4915) para ajudar as suas mães. .

Face ao que foi anteriormente referido, H1 foi parcialmente confirmada.

**H2.** *As mulheres apresentam valores mais elevados de solidariedade intergeracional em relação aos seus filhos adultos emergentes do que os homens.*

Fazendo uso do procedimento estatístico da hipótese anterior, foi possível confirmar esta hipótese, uma vez que foram encontradas diferenças estatisticamente significativas entre ambos os géneros na ajuda prestada aos seus filhos [t(175)=4,569 p<0,05], sendo que a média de ajuda das mulheres aos seus filhos (M= 3,6429; DP= ,4109) foi superior à média dos homens (M=3,2839; DP=,5928).

#### **Diferenças em função do Estado Civil**

**H3.** *Os indivíduos casados apresentam valores mais altos de solidariedade intergeracional em relação aos seus pais do que os não casados (viúvos, solteiros ou divorciados).*

Quer a média de ajuda à mãe quer a média de ajuda ao pai (respectivamente, M=2.7023 e DP= ,5730; M=2,5134 e DP= ,4861) dos sujeitos casados foi superior em relação aos não casados (M mãe= 2,6558 e DP= ,5691; M pai= 2,3701 e DP= ,4981). Contudo, as diferenças encontradas não são estatisticamente significativas. Posto isto, a presente hipótese não foi confirmada.

**H4.** *Os indivíduos casados apresentam valores mais altos de solidariedade intergeracional em relação aos seus filhos do que os não casados (viúvos, solteiros ou divorciados).*

De acordo com a análise do Independent Samples T-Test, os sujeitos casados registaram uma média superior de ajuda aos filhos ( $M=3,5143$ ;  $DP=,4940$ ) do que os não casados ( $M=3,2597$ ;  $DP=,7104$ ). Esta diferença é estatisticamente significativa [ $t(175)= 2,129$   $p < 0,05$ ], confirmando-se a H4.

### **Diferenças em função da Distância Geográfica**

**H5.** *Os adultos que vivem mais perto dos seus pais apresentam valores mais elevados de solidariedade intergeracional em relação aos mesmos do que os adultos que vivem mais longe.*

Antes da apresentação dos resultados, convém sublinhar dois aspectos. Em primeiro lugar, numa amostra de 177 participantes, a maioria (79) afirma viver a menos de 10Km dos seus pais. Para além disso, procedeu-se, para aprofundamento da diferenciação da ajuda prestada à mãe e ao pai, à realização do Paired Sample T-Test que possibilitou evidenciar uma diferença estatisticamente significativa entre a média ( $M=2,6965$ ;  $DP=,5711$ ) da ajuda à mãe e a média ( $M=2,4956$ ;  $DP=,4885$ ) da ajuda ao pai, sendo a primeira superior à segunda ( $t(176)= -4,750$   $p<0,05$ ). Porém, as diferenças encontradas só foram estatisticamente significativas no que se refere à ajuda à mãe ( $F(132)=3,029$ ,  $p=,020$ ) sendo que quanto maior a distância geográfica, menor o apoio prestado pelos filhos à mesma. A excepção à regra prende-se com o facto dos sujeitos que afirmaram viver a mais de 200km, prestarem mais apoio do que aqueles que disseram viver entre os 50-200km.

No que diz respeito à ajuda ao pai, a variável distância geográfica parece não fazer diferença ( $F(132)=,887$ ,  $p = ,474$ ), sendo que as diferenças encontradas não foram estatisticamente significativas.

Adicionalmente, emergiu a necessidade de efectuar uma outra análise a fim de podermos determinar qual a geração que será mais ajuda pelos adultos da GS. Os resultados apontaram para uma média superior de ajuda aos filhos ( $M=3,4826$ ;  $DP=,52991$ ) em relação aos pais ( $M=2,5960$ ;  $DP=,45079$ ) sendo as diferenças encontradas estatisticamente significativas ( $t(176)=-18,584$ ,  $p=,000$ ).

Assim sendo, H5 confirma-se parcialmente e apenas no que diz respeito à ajuda prestada à mãe.

### **Diferenças em função das habilitações literárias**

**H6.** *Os adultos com habilitações literárias mais baixas apresentam maior solidariedade intergeracional em relação aos seus pais, do que os adultos da GS com habilitações literárias mais elevadas.*

Esta hipótese não foi confirmada sendo que as diferenças encontradas não foram estaticamente significativas [para a ajuda ao pai ( $F(174)=,881$ ,  $p=,452$ ); para a ajuda a mãe ( $F(174)=1,022$ ,  $p=,384$ ).

### **Diferenças em função do Número de Filhos**

**H7.** *Os sujeitos com 2 ou mais filhos, apresentam menor solidariedade intergeracional em relação aos seus pais que os adultos da GS sem filhos ou com somente um.*

Apesar de se verificar uma tendência no sentido que aponta a nossa hipótese, esta não foi validada sendo que as diferenças encontradas não foram estaticamente significativas [para a ajuda ao pai ( $F(176)=,018$ ,  $p=,982$ ); para a ajuda à mãe ( $F(176)=1,824$ ,  $p=,164$ ]. Portanto, o número de filhos não parece ser um factor determinante no comportamento de ajuda em relação aos seus pais.

### **Qualidade da relação**

**H8.** *Os sujeitos com melhor qualidade de relacionamento com os seus pais – maior percepção de satisfação e menor criticismo – são mais solidários com estes, que os sujeitos com pior qualidade de relacionamento com os pais.*

De acordo com a análise estatística tendo por base o método correlacional de Pearson foi possível determinar que esta hipótese é confirmada para as mães sendo que, se encontrou uma correlação positiva, embora baixa de ,165\* entre a qualidade da relação com os pais e a ajuda a mãe. O mesmo não aconteceu em relação à ajuda ao pai.

De salientar ainda que esta análise possibilitou o registo de que o factor criticismo da variável da qualidade da relação não se encontra correlacionada com a ajuda prestada a qualquer um dos pais.

---

Nota: \*:  $p < .05$ ; \*\*:  $p < .01$ ; \*\*\*:  $p < .001$ .

Já no que se refere ao factor satisfação da qualidade da relação, encontram-se correlações positivas quer com a ajuda à mãe, quer com a ajuda ao pai, não deixando de ser curioso que a primeira seja mais elevada que a segunda, respectivamente, ,372\*\* e ,285\*\*, sendo a primeira uma correlação moderada e a segunda, fraca.

A hipótese H8 é, por conseguinte, parcialmente confirmada.

**H9.** *Os sujeitos com melhor qualidade de relacionamento com os seus filhos – maior percepção de satisfação e menor criticismo – são mais solidários com estes, que os sujeitos com pior qualidade de relacionamento com os filhos.*

Esta hipótese foi validada na medida em que se registou uma correlação moderada de ,369\*\* entre a qualidade da relação (globalmente considerada) com os filhos e a ajuda prestada aos mesmos, portanto, a associação entre ambas as variáveis foi confirmada.

Curiosamente não se encontrou uma associação entre o criticismo e a ajuda prestada aos filhos. O mesmo não acontece no caso da dimensão satisfação: encontramos uma correlação moderada (.596\*\*) que revela que quanto melhor a satisfação com a qualidade da relação com os filhos, maior é a ajuda prestada aos filhos.

A hipótese H9 confirma-se apenas para a dimensão satisfação com a qualidade da relação.

### **Altruísmo**

**H10.** *Os adultos mais altruístas são mais solidários com seus pais e filhos do que os adultos menos altruístas.*

De acordo com a análise estatística efectuada, foi possível determinar que o traço de personalidade referente ao Altruísmo não se encontra correlacionado com a ajuda prestada a qualquer parente (nem pai, mãe ou filho).

Posto isto, h12 não foi confirmada estatisticamente.

---

Nota: \*:  $p < .05$ ; \*\*:  $p < .01$ ; \*\*\*:  $p < .001$ .

### **Valores Individualistas/Colectivistas**

**H11.** *Os adultos que apresentam valores mais individualistas e menos familistas são menos solidários em relação aos seus pais idosos do que os adultos que apresentam valores menos individualistas e mais familistas.*

Seguindo o mesmo procedimento estatístico, tornou-se possível validar esta hipótese pois o individualismo e a ajuda prestada a pai e mãe correlacionam-se negativamente (ainda que se tratem correlações fracas), sendo a primeira de  $-,162^*$  e a segunda de  $-,151^*$ .

Ainda que também se tratem de fracas correlações, a variável familismo encontra-se positivamente correlacionada com a ajuda prestada aos pais sendo mais forte em relação à mãe.

A correlação neste caso foi de  $,216^{**}$  e em relação ao pai foi de  $,161^*$ . A presente hipótese foi, portanto, confirmada, apesar da baixa magnitude das correlações.

**H12.** *Os adultos que apresentam valores mais individualistas e menos familistas são menos solidários em relação aos seus filhos do que os adultos que apresentam valores mais familistas e menos individualistas.*

O familismo encontra-se positiva e moderadamente correlacionado com a ajuda prestada aos filhos ( $,324^{**}$ ), mas curiosamente o individualismo não se encontra correlacionado com a ajuda aos mesmos. Posto isto, esta hipótese foi apenas parcialmente confirmada.

### **Diferenças em função dos Estereótipos**

**H13.** *Os adultos que apresentam índices mais elevados de Idadismo são menos solidários em relação aos seus pais idosos do que os que apresentam índices mais baixos.*

Esta hipótese não foi confirmada para o *score* global de idadismo, visto que a percepção dos índices de idadismo e a ajuda a pai e mãe não estão correlacionados. Contudo, e curiosamente, encontrou-se uma fraca correlação com a ajuda aos filhos ( $-,164^*$ ) sendo que quanto maior é a percepção de Idadismo, menor a solidariedade funcional ou ajuda prestada aos filhos.

---

Nota: \*:  $p < .05$ ; \*\*:  $p < .01$ ; \*\*\*:  $p < .001$ .

Pensamentos, comportamentos e emoções de evitamento e discriminação negativa em relação aos idosos também se correlacionam fraca e negativamente com a ajuda prestada à mãe (-,165\*) mas não com a ajuda prestada ao pai.

Portanto, verificou-se uma associação entre menor ajuda às mães quanto maior for o evitamento e discriminação negativa dos idosos.

Os aspectos de antilocução da variável idadismo não registaram qualquer relação com a ajuda prestada aos pais.

### **Análise de regressão para a solidariedade funcional em relação ao pai, à mãe e aos filhos**

De modo a averiguar qual das variáveis incluídas no estudo poderia constituir um melhor preditor da solidariedade funcional relativamente aos filhos e aos pais, procedeu-se ao método da Regressão. A Regressão Múltipla é um procedimento analítico de dados baseado no critério dos mínimos quadrados, que determina as relações lineares entre um conjunto de preditores e um único critério. Este processo permite determinar qual a melhor combinação do conjunto de preditores para predizer esse critério singular. Ou seja, é usado para estabelecer se existe ou não, alguma relação entre a variável dependente e o conjunto de variáveis independentes.

Detalha-se o método sequencial *Stepwise* pois foi o que melhor se adaptou aos objectivos desta pesquisa. A principal vantagem em relação aos outros métodos sequenciais é a sua capacidade de acrescentar ou eliminar variáveis em cada estágio, permitindo uma abordagem mais exploratória aos dados. Foi realizada uma análise de regressão para a solidariedade funcional para o pai, para a mãe e para os filhos. As variáveis incluídas nestas análises foram: sexo do participante, idade, qualidade da relação (satisfação e criticismo), valores familistas, valores individualistas, altruísmo, idadismo (itens de evitamento+discriminação e antilocução) e distância geográfica dos pais. Todas estas variáveis não apresentavam correlações superiores a .44 garantindo-se, deste modo, a inexistência de multicolineariedade entre as variáveis.

Calculou-se então a equação de regressão para a VD, ajuda prestada ao pai (cf. quadro 19) e verificou-se que é predita pela satisfação com a relação com os pais explicando cerca de 8% da variância encontrada ( $R = ,298$ ; Adjusted R Square = ,082), sendo este modelo significativo ( $F(141)=13,644$   $p < .001$ ).

---

Nota: \*:  $p < .05$ ; \*\*:  $p < .01$ ; \*\*\*:  $p < .001$ .



No que se refere à ajuda prestada à mãe (*cf.* quadro 20), verificou-se que é predita pela satisfação da relação com os pais (qualidade) e o sexo do participante. Em conjunto, estes dois preditores explicam cerca de 24% da variância ( $R = ,497$ ; Adjusted R Square = ,236), sendo também este modelo significativo ( $F(141)=22,753$   $p < .001$ ). Podemos observar que a variável que mais contribui para a explicação da variação de ajuda à mãe é a satisfação com a qualidade da relação. No que diz respeito ao sexo, são as mulheres quem mais se responsabilizam pela ajuda prestada.

Para a ajuda prestada aos filhos (*cf.* quadro 21) constatou-se que esta variável é predita pela satisfação da relação com os filhos (qualidade), sexo, idade do participante, valores familistas, criticismo e estado civil. No seu conjunto, as variáveis explicam 49% dos resultados ( $R = ,716$ ; Adjusted R Square = ,495) sendo este modelo significativo ( $F(171)=28,991$ ,  $p < .001$ ).

#### **4. Discussão dos resultados**

A geração sanduíche, pelas suas características próprias, envolve todo o sistema familiar nas relações particulares intra e intergerações, por se encontrar entre os filhos (adolescentes e jovens adultos) e pais idosos. Na medida em que ambas as gerações exigem apoio diferenciado, eis que surgem inúmeros desafios nomeadamente em termos da distribuição de tempo, dinheiro e outros recursos. Neste sentido, os nossos resultados sugerem que, nesta situação, os adultos da GS ajudam ambas as gerações contudo, a ajuda à geração mais nova é prioritária.

No que diz respeito às variáveis demográficas, foi possível observar que a proximidade geográfica assumiu-se como factor de diferenciação importante na ajuda prestada aos pais e o estado civil na ajuda prestada aos filhos. Estes dados são consonantes com os descritos na literatura em relação a outras sociedades: a proximidade geográfica ou mesmo a coabitação (no caso dos filhos adultos emergentes de famílias intactas) propicia a troca de ajuda entre membros da família. De facto, o estado civil dos membros da geração sanduíche está inevitavelmente associado à coabitação: pertencendo a um casal que coabita com os seus filhos (como é o caso dos adultos emergentes da amostra), os membros da geração sanduíche casados têm um maior número de oportunidades de ajudar os seus filhos. Este resultado também poderá ser facilmente entendido se pensarmos nas capacidades económicas de um casal potencialmente de duplo emprego quando comparados com um único membro (Grundy & Henretta, 2006). Foi ainda possível perceber que as habilitações literárias e o número de filhos dos adultos da GS da nossa amostra não constituíram factores determinantes para a ajuda dos prestada aos pais ou aos filhos, contrariando resultados encontrados noutras culturas (Grundy & Henretta, 2006).

No que se refere às diferenças de género, verificou-se uma tendência para as mulheres prestarem mais ajuda aos seus filhos, reforçando o papel “natural” de cuidadoras dos membros da família que se encontra descrito na literatura. O género é, conforme o sublinhado na literatura para outras sociedades, uma variável incontornável tanto para quem dá (cuidadores), como para quem recebe (recipientes de ajuda). No que diz respeito ao sexo dos potenciais cuidadores dos idosos, as mulheres, tal como o esperado, revelaram uma tendência superior aos homens para ajudar os seus filhos e as suas mães. Curiosamente, esta tendência não foi evidente no que se refere à ajuda aos pais, sendo que inclusivamente o sexo (feminino) do participante surge como preditor

da solidariedade funcional em relação à mãe, mas não da solidariedade funcional em relação ao pai. A esperança média de vida das mulheres é superior à dos homens e, para além disso, elas parecem envelhecer em piores condições que estes. Uma maior longevidade implica cuidados mais prolongados e maior probabilidade de aumento da vulnerabilidade a doenças e de dependência. As reformas femininas são mais baixas que as masculinas e a viuvez frequente das mulheres, decorrente da diferença de idade entre os cônjuges (os homens em geral são mais velhos), acentuam as dificuldades financeiras, sociais e psicológicas das mesmas. O recasamento das mulheres/mães é menos frequente em caso de viuvez e/ou divórcio. Estes factores podem contribuir para compreensão do porquê a ajuda prestada às mães se revelar superior. Os pais, em média, vivem menos anos, em melhor situação económica e por vezes com recasamento, pelo que a prestação de cuidados dos filhos tende a ser inferior.

De sublinhar, contudo, que também pode estar subjacente a estes resultados uma maior solidariedade intragénero: os adultos da geração sanduíche apoiam, de uma forma geral, mais as suas mães do que os seus pais. Dada a constituição relativamente equilibrada da nossa amostra em termos de género, é pouco provável que este resultado se deva a essa limitação metodológica. Contudo, as mulheres assumem-se como as principais cuidadoras, pelo que o pai do mesmo género (a mãe) teria maior probabilidade de usufruir desses cuidados. O facto do género surgir como preditor importante da solidariedade funcional em relação à mãe, e não ao pai, parece apoiar esta hipótese (Campbell & Martin-Matthews, 2003).

A explicação do parágrafo anterior poderá ajudar a explicar o resultado relativo à qualidade da relação. A qualidade da relação globalmente considerada emerge como uma variável importante para a solidariedade intergeracional dos adultos da GS quer em relação aos membros mais novos (filhos), como em relação aos membros mais velhos (pais). No que se refere à ajuda prestada, os adultos da GS tendem a apresentar uma relação directa em que quanto melhor a qualidade da relação com os pais e filhos, maior será a ajuda/apoio prestado às mães e filhos. Embora essa correlação não seja observada no que diz respeito ao apoio aos pais do sexo masculino, a satisfação com a relação surge como preditora da solidariedade funcional em relação a estes, às mães e aos filhos. Curiosamente, ambas as dimensões da qualidade da relação incluídas neste estudo não pesam de igual modo na predição da ajuda prestada: o criticismo não prediz a ajuda prestada aos pais, mas surge como variável preditora da ajuda prestada aos filhos.

A importância da satisfação com a relação como variável preditora da solidariedade funcional corrobora os resultados obtidos noutras sociedades e sugere o carácter eminentemente feminino dessa ajuda: as variáveis relacionais são os preditores mais fortes da ajuda prestada entre as mulheres (Silverstein et al 1995; Grundy & Henretta, 2006).

Foi possível determinar uma relação directa, ainda que ténue, entre os indivíduos com valores familistas e a quantidade de ajuda prestada quer aos pais, quer aos filhos. Para além deste facto, confirmou-se que os adultos da GS pautados por valores individualistas tendem a prestar menos apoio aos seus pais, mas curiosamente, o mesmo não foi válido em relação aos filhos. De facto, mesmo que os adultos da GS sejam identificados como individualistas, os mesmos não deixam de prestar tanto apoio como os familistas, sobressaindo portanto o papel de cuidador. Contudo, estas correlações são baixas, sendo que nenhuma destas dimensões associadas aos valores subscritos entraram como preditores no modelo de regressão para a solidariedade em relação aos pais. A correlação com a solidariedade em relação aos filhos já é um pouco mais elevada e o familismo entra mesmo como preditor da solidariedade em relação a estes.

Vimos, então, que a solidariedade em relação aos pais é predita eminentemente pela satisfação com a relação dos mesmos, enquanto que a solidariedade em relação aos filhos também é predita pela ausência de criticismo e pela subscrição de valores familistas. Não basta, para que esta solidariedade ocorra, que exista satisfação com a relação. Enraizar-se-á em padrões de interacção mais complexos e contínuos, ainda que a ajuda aos filhos adultos emergentes seja um dado quase adquirido subjacente ao papel de pai e mãe em países como o nosso, do sul da Europa, tendencialmente familistas (Andrade, 2010).

Quer o altruísmo, traço de Amabilidade da personalidade, quer a percepção de idade globalmente considerada não revelaram ter qualquer influência sobre a ajuda prestada pelos adultos da GS aos seus pais. Porém, conforme o esperado, verificou-se uma associação entre menor ajuda às mães quanto maior for o evitamento e discriminação negativa dos idosos. Estas correlações são, contudo, de baixa magnitude, mas indicam um dado curioso a ter em linha de conta em estudos futuros: que uma percepção estereotipada e negativa dos idosos enquanto grupo pode contribuir para uma diminuição da ajuda prestada aos próprios pais.

Antes mesmo de elucidar o leitor acerca das principais conclusões do presente estudo, revela-se fundamental destacar aquelas que poderão ser as principais limitações do mesmo. Uma que nos parece ser uma das mais importantes diz respeito aos alvos em relação aos quais foi avaliada a satisfação com a relação. Atendendo a que, por um lado, a variável satisfação com a relação surge como central na solidariedade intergeracional e, por outro, os adultos da GS fazem uma distinção clara daquela que é a ajuda prestada à mãe e ao pai, teria sido importante uma avaliação separada da qualidade da relação percebida em relação a cada um dos progenitores. O mesmo não foi feito no âmbito do estudo com o objectivo de diminuir a extensão do questionário e facilitar a participação dos adultos da GS, um grupo tendencialmente com pouca disponibilidade para a colaboração neste tipo de estudos. Para além disso, também teria sido importante avaliar a influência da qualidade da relação e a ajuda prestada, a um nível intergeracional, em relação aos pais do cônjuge (sogros) e, a um nível intrageracional, em relação ao/à próprio(a) cônjuge. Do mesmo modo, outras variáveis potencialmente preditoras da ajuda prestada, e que não foram incluídas no nosso estudo, poderiam vir a ser contempladas em estudos futuros: é o caso do estatuto da identidade, da maturidade filial ou da percepção de obrigação percebida. Para além disso, outras variáveis de bem-estar individual, que não estritamente associados à satisfação com a qualidade da relação, poderiam ser introduzidos como potenciais “outcomes” ou resultados das variáveis incluídas no nosso estudo, incluindo a própria solidariedade intergeracional.

A ausência de efeito da variável habilitações literárias também não era esperada: talvez se tivessem sido incluídos outros indicadores de nível socioeconómico, os resultados pudessem ter sido diferentes. Nos futuros trabalhos desenvolvidos no mesmo âmbito, deve colmatar-se esta lacuna pois é do nosso entendimento que possibilitaria resultados mais ricos.

Uma outra limitação prende-se com a própria natureza da nossa amostra. Trata-se de um estudo que teve por base uma amostra de conveniência, sendo constituída por indivíduos somente da região Norte do país, maioritariamente casados e todos eles com um filho na fase da adultez emergente a estudar no ensino superior. Trata-se de uma zona do país em que se pode considerar que existem famílias maioritariamente tradicionais, sendo que muitas das mulheres não investem numa carreira profissional, estando portanto mais disponíveis para prestar ajuda/apoio aos membros das suas

famílias. Esta pouca representatividade da amostra pode influenciar os resultados, atendendo quer à importância central do género, quer dos valores no âmbito da solidariedade intergeracional. Para além disso, seria importante incluir grupos mais heterogéneos de adultos emergentes, nomeadamente de grupos socioeconómicos mais contrastados e/ou com representatividade de diferentes situações de independência financeira e residencial (coabitação).

Há ainda que considerar o possível peso da desejabilidade social em variáveis desta natureza, relativas ao apoio familiar, avaliadas sob a forma de percepção. Considerar a desejabilidade social faz todo o sentido na medida em que qualquer pessoa procura dar uma imagem mais positiva de si e existe neste desenho e tipo de estudo um elevado grau de subjectividade na avaliação, atendendo à natureza das questões que dizem respeito a algo tão íntimo como as relações e/ou práticas familiares.

Referenciadas as lacunas e alguns aspectos importantes a considerar neste trabalho, estamos condições de referir **quatro conclusões fundamentais deste estudo**. A primeira é que a geração sanduíche a ter de optar entre pela ajuda/apoio aos pais ou aos filhos, opta pelos filhos, parecendo prioritária a ajuda em relação às gerações mais novas. A segunda é que entre ter de optar entre pai e mãe, opta pela ajuda à primeira. A ajuda à figura materna parece ser encarada como um processo natural e quase uma obrigação familiar, já a ajuda às figuras paternas, não é tão expressiva. A terceira é a de que as mulheres são as principais cuidadoras da família, seja em relação aos progenitores, seja em relação aos descendentes. A quarta e última é que, talvez devido à solidariedade intergeracional se fazer sobretudo no feminino, a satisfação com a relação surge como o preditor mais importante da ajuda prestada ao pai, à mãe e aos filhos.

Pois então, porque motivos se verificam estas tendências? Não será porque os próprios pais dos adultos da GS, como reflexo da sociedade, motivam os filhos a ajudarem as gerações mais novas, por serem elas a descendência familiar? E em relação à superioridade de ajuda às figuras maternas, não estaremos perante o resultado de vinculações mais fortes às mesmas? Ou dever-se-á sobretudo ao facto destas viverem mais anos do que os seus parceiros, sofrendo potencialmente de maior vulnerabilidade à doença, pobreza e dependência? Estas podem ser algumas das explicações para os resultados encontrados, contudo, existe ainda muito terreno fértil neste âmbito a explorar. Interessante é o facto da qualidade da relação entre os diversos elementos familiares ter sido o factor mais preponderante na prestação de ajuda por parte dos

adultos da GS, e já as variáveis demográficas, a personalidade, os valores ou os estereótipos parecerem explicar menos a decisão de ajuda.

Assim, apesar das limitações, considera-se que os conhecimentos que daqui resultaram podem ser úteis a todos os profissionais que dão apoio directo às famílias, podendo contribuir para a compreensão da relação entre as relações familiares e inspirar as intervenções no terreno, progressivamente mais familiarizadas com os conceitos de solidariedade intergeracional. Será importante equacionar projectos de intervenção que favoreçam a manutenção e/ou o restabelecimento das relações intergeracionais e que tornem a solidariedade menos estritamente associada ao lado feminino, tanto pela parte de quem cuida, como da parte de quem recebe.

Allport, G. W. (1958). *The nature of prejudice*. Garden City. New York: Doubleday Anchor Books.

Anderson, T. (1999). Taking a bite out of the sandwich generation. *USA Today Magazine*, 128, 18-19.

Andrade, C. (2010). Transição para a idade adulta: Das condições sociais às implicações Psicológicas. *Análise Psicológica*, 2, XXVII, 255-267.

Arnett, J. J. (1994). Are college students adults? Their conceptions of the transition to adulthood. *Journal of Adult Development*, 1, 154-168.

Arnett, J. J. (1997). Young people's conceptions of the transition to adulthood. *Youth and Society*, 29, 3-23.

Arnett, J. J. (1998). Learning to stand alone: the contemporary American transition to adulthood in cultural and historical context. *Human Development*, 41, 295-315.

Arnett, J. J. (2000). Emerging adulthood: a theory of development from late teens through the twenties. *American Psychologist*, 55, 469-480.

Arnett, J. J. (2004). *Emerging Adulthood*. New York: Oxford University Press.

Aronfreed, J. (1970). The socialization of altruistic behavior and sympathetic behavior: Some theoretical and experimental analyses. In J. Macaulay & L. Berkowitz (Eds.), *Altruism and helping behavior*. New York: Academic Press.

Bengtson, V. L., & Roberts, R. E. L. (1991). Intergenerational solidarity an aging in families: An example of formal theory construction. *Journal of Marriage & the Family*, 53, 856-870.

Bengtson, V. L., & Shrader, S. (1982). Parent-child relations. In D. Mangen & W. A. Peterson (Eds.), *Research instruments in social gerontology*, 2, 115-186. Minneapolis: University of Minnesota Press.



Bengtson, V. L., Giarrusso, R., Mabry, J. B., & Silverstein, M. (2002). Solidarity, conflict, and ambivalence: Complementary or competing perspectives on intergenerational relationships? *Journal of Marriage & the Family*, 64, 3, 568-576.

Butler, R. N. (1978). Thoughts on aging. *American Journal of Psychiatry*, 135, 14-16.

Campbell, L.D., Martin-Matthews, A. (2003). The gendered nature of men's filial care. *Journal of Gerontology: Social Sciences*, 58B, S350-S358.

Carter e M. McGoldrick (eds). *The changing family life cycle*. Boston, Allyn and Bacon, 3-30.

Carter, B. & McGoldrick, M. (1989). Overview. The changing family life circle. In B.

Carter, B. & McGoldrick, M. (1995). *As mudanças no ciclo de vida familiar. Uma estrutura para a terapia familiar*. Porto Alegre: Artes Médicas.

Cicirelly V.G. (1993). Attachment and obligation as daughters motives for caregiving behavior and subsequent effect on subjective burden. *Psychology and Aging*, 8, 144-155.

Cordon, J. (1997). Youth residential independence and autonomy: A comparative study. *Journal of Family Issues*, 18, 576-607.

Costa, M. E. (1991). *Contextos sociais de vida e desenvolvimento da identidade*. Instituto Nacional de Investigação Científica. Porto: Centro de Psicologia da Universidade do Porto.

Duvignaud, J. (1986). *A solidariedade : laços de sangue, laços de razão*. Trad. Vasco Casimiro. Lisboa: Instituto Piaget, Epistemologia e Sociedade.

Ebrahim, S. (2001). *Adopção tardia: altruísmo, maturidade e estabilidade emocional*.

Página web acedida em 15 de Maio de 2011:  
<http://www.scientificcircle.com/pt/54494/adocao-tardia-altruismo-maturidade-estabilidade-emocional/>.

Elejabeitia, C. (1997). El desafio da la modernidad. *Actas do Congresso Internacional growing up between center and periphery*. Lisboa: Instituto de Ciências Sociais.

Feeney, J. A., Noller, P., & Ward, C. (1997). Marital satisfaction and spousal interaction. In R. Sternberg & M. Hojjat (Eds.), *Satisfaction in close relationships*, 160-189. New York: The Guilford Press.

Ferreira, A. (2007). *Idadismo e bem-estar subjectivo nos cuidadores*. Dissertação de candidatura ao grau de mestre apresentada à Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade do Porto.

Fletcher, G., & Thomas, G. (2000). Behavior and on-line cognition in marital interaction: A longitudinal study. *Personal Relationships*, 7, 111-130.

Fontaine, A., & Matias, M. (2003). Familismo/individualismo em jovens adultos: construção de um instrumento e estudos exploratórios. *Revista Galego-Portuguesa de Psicologia e Educación*, 8, 1138-1663.

Furman, W. & Buhrmester, D. (1985). Children's perception of the personal relationships in their social networks. *Developmental Psychology*, 21 (6), 1016-1024.

Glenn, N. D. (1990). Quantitative research on marital quality in the 1980s: A critical review. *Journal of Marriage and the Family*, 52, 818-83.

Glenn, N. D. (1998). The course of marital success and failure in five American 10-year marriage cohorts. *Journal of Marriage and the Family*, 60, 569-576.

Gouveia, V.; Andrade, J. M.; Milfont, T. L.; Queiroga, F. & Santos, W. S. (2003). *Dimensões normativas do individualismo e coletivismo: é suficiente a dicotomia Pessoal vs. Social?* Página Web acedida a 15 de Maio de 2011: <http://www.scientificcircle.com/pt/54344/dimensoes-normativas-individualismo-coletivismo-suficiente/>.

Gouveia, V.; Clemente, M. & Vidal, A. (1998). España desde dentro: El individualismo y el colectivismo como rasgos diferenciadores de las comunidades autónomas. *Sociedade y Utopia*, 11, 168-179.

Grundy, E. & Henretta J. C. (2006). Between elderly parents and adult children: a new look at the intergenerational care provided by the 'sandwich generation'. *Ageing & Society* 26, 707-722.

Hall, C. S.; Lindzey G. & Campbell, J. B., (2000) – *Teorias da Personalidade*. Trad. Maria Adriana Veríssimo Veronese. 4ª Ed. Porto Alegre: Artmed Editora.

Heaton, T. B. (1991). Time-related determinants of marital dissolution. *Journal of Marriage and the Family*, 53, 285-295.

Heller, P. (1976). Familism scale: revalidation and revision. *Journal of Marriage and the Family*, 38, 3, 423-429.

Hoffman, M. (1984). Parent discipline, moral internalization, and development of prosocial motivation. In E. Staub, D. Bar-tal, J. Karylowski, & Reykowski (Eds.), *Development and maintenance of prosocial behavior*. New York: Plenum.

Hutz, C. S.; Nunes, C. H.; Silveira, A. .D.; Serra, J.; Anton, M. & Wieczorek, L. S. (1988). *O desenvolvimento de marcadores para a avaliação da personalidade no modelo dos cinco grandes fatores*. Página web acedida em 15 de Maio de 2011: <http://www.scientificcircle.com/pt/54600/desenvolvimento-marcadores-avaliacao-personalidade-modelo/>.

Immen, W. (2004). Caught in the 'sandwich'. *Globe and Mail*, March 17, C1-2.

Instituto Nacional de Estatística (2008). Tábuas de Mortalidade para Portugal 2005-2007. Informação à Comunicação Social: INE.

Jacques, E. (1965). Death and the midlife crisis. *International Journal of Psychoanalysis*, 46, 502-514.

Le Bris, H. (1994). Responsabilidade familiar pelos dependentes idosos nos papéis das comunidades europeias. Lisboa, Conselho Económico e Social.

Leeds, R. (1963). Altruism and the norm of giving. *Merril-Palmer Quarterly*, 9, 229-240.

Lennartsson, C.; Silverstein, M. & Fritzell, J. (2010). Time-for-money exchanges between older and younger generations in Swedish families, *Journal of Family Issues*, 31(2) 189–210.

Levenson, R., Carstensen, L., & Gottman, J. (1994). The influence of age and gender on affect, physiology, and their interrelations: A study of long-term marriages. *Journal of Personality and Social Psychology*, 67 (1), 56-68.

Lima, M. P. (2010). *Envelhecimento(s)*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra.

Lima, M. P., & Simões, A. (2000). *NEO-PI-R, Inventário de Personalidade Neo Revisto. Manual Profissional*. 1.<sup>a</sup> Ed. Lisboa: CEGOC-TEA, Lda – Investigação e Publicações Psicológicas.

Lourenço, O. (1988). *Altruísmo: Generosidade ou Competência Sócio-cognitiva?*. Porto: Edição Instituto Nacional de Investigação Científica.

Ma, H. K. & Leung, M. C. (1995). The relation of altruistic orientation to family social environment in chinese children. *Psychologia an International Journal of Psychology in the Orient*, 38, 2, 109-115.

Mangen, D. J., Bengtson, V. L., & Landry, P. H. (1988). *Measurement of intergenerational relations*. Beverly Hills: Sage.

Markus, H. R. & Kitayama, S. (1991). Culture and the self: Implications for cognition, emotion and motivation. *Psychological Review*, 98, 224-253.

McCrae, R. R. & Costa, P. T. (1989). More reasons to adopt the Five-Factor Model. *American Psychologist*, 44, 451-452.

McCullough, P., & Rutenberg, S. (1989). Launching children and moving on. In E. Carter & M. McGoldrick (Eds.), *The changing family life cycle – A framework for family therapy*, Boston, Allyn and Bacon, 287-311.

Monteiro, I. (2010). *Solidariedade familiar intergeracional e bem-estar psicológico: estudo intergeracional sobre a relação de apoio entre filhas adultas e suas mães*. Dissertação de candidatura ao grau de mestre apresentada à Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade do Porto.

Mulligan, C. B. (1996). *Parental Priorities and Economic Inequality*. Chicago: University of Chicago Press.

Neto, F. (2004). Idadismo. In M. Lima & M. Pereira (Orgs.). *Estereótipos, preconceitos e discriminação*, 279-300. Salvador: Editora UFBA.

Nocon, A. & Pearson, M. (2000). The roles of friends and neighbours in providing support for older people. *Ageing and Society*, 8, 183-187.

Oldham, J. M. (1989). The third individuation. Middle-aged children and their parents. In John M. Oldham & Robert S. Liebert (Eds.). *The middle years. New psychoanalytic perspectives*, 89-104. London: Yale University Press.

Osório, A. & Pinto, F. (2007). *As pessoas idosas. Contexto Social e Intervenção Educativa*. Lisboa: Instituto Piaget.

Pina Prata, F. X. (1994). Formas de intervenção da terapia familiar e diagnóstico sistémico psicoterapêutico: Complexidade e turbulência. In H. Marchand & H. R. Pinto (Eds.), *Actas do colóquio Família – Contributos da psicologia e das ciências da educação* (pp. 201-228). Lisboa: Educa / Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Lisboa.

Queirós, I. M. (2005). *Natureza e qualidade da relação avós-netos e seu contributo para a auto-valorização global dos netos*. Dissertação de candidatura ao grau de mestre apresentada à Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade do Porto.

Realo, A., Allik, J. & Vadi, M. (1997). The Hierarchical structure of collectivism. *Journal of Research in Personality*, 31, 1, 93-116.

Relvas, A. P. (1996). *O ciclo vital da família. Perspectiva Sistémica*. Porto: Edições Afrontamento.

Ribeiro, M. (2001). Casais de meia-idade: Estudos com casais portugueses numa perspectiva sistémica.

Ribeiro, M. T. (1996). El nido vacío. In M. Millan (Ed.), *Psicología de la familia –Un enfoque evolutivo y sistémico* (pp. 133-152). Valência: Promolibro.

Rodrigues, L. (2001) – *Psicologia*. 1º Volume. 2ª Ed. Lisboa: Plátano Editora.

Rossi, G. (1997). The nestlings – Why young adults stay at home longer: The Italian case. *Journal of Family Issues*, 18, 627-644.

Schwartz, S. & Howard, J. (1984). Internalized values as motivators of altruism. In E. Staub, D. Bar-tal, J. Karylowski, & Reykowski (Eds.), *Development and maintenance of prosocial behavior*. New York: Plenum.

Schwartz, S. (1970). Moral decision-making and behavior. In J. Macaulay & L. Berkowitz (Eds.), *Altruism and helping behavior*. New York: Academic Press.

Silverstein, M., Giarrusso, R., & Bengtson, V. L. (1998). Intergenerational solidarity and the grandparent role. In M. E. Szinovacz (Ed.). *Handbook of Grandparenthood*, (144-170). Westport: Greenwood Press.

Silverstein, M.; Parrott, T.M. & Bengtson, V.L. (1995). Factors that predispose middle-aged sons and daughters to provide social support to older parents. *Journal of Marriage and the Family*, 57, 465-475.

Sousa, L., Figueiredo, D., & Cerqueira, M. (2004). *Envelhecer em Família. Os cuidados familiares na velhice*. Ambar.

Stone, I. (2001). Home- and Community- Based Care. In E. Cluff & R. Binstock (eds.), *The Lost Art of Caring. A Challenge to health Professionals, Families, Communities, and Society*. Baltimore: The Johns Hopkins University Press.

Thomas, G., Fletcher, G., & Lange, C. (1997). On-line empathic accuracy in marital interaction. *Journal of Personality and Social Psychology*, 76, 72-89.

Triandis, H. C. (1993). Collectivism and individualism as cultural syndromes. *Cross-Cultural Research*, 27, 155-180.

Triandis, H. C. (1995). *Individualism and collectivism*. Boulder, CO: Westview Press.

Triandis, H. C. (1996). The psychological measurement of cultural syndromes. *American Psychologist*, 51, 407-415.

Vala, J.; Cabral, M. & Ramos, A. (2003). *Valores sociais: mudanças e contrastes em Portugal e na Europa*. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais.

Vandenplas-Holper, C. (2000). *Desenvolvimento psicológico na idade adulta e durante a velhice: maturidade e sabedoria*. Trad. Paulo Renato Cardoso de Jesus. Porto: Edições ASA.

Williams, C. (2004). The sandwich generation. *Perspectives: Statistics Canada*, 5, 9.

Zal, H. M. (1992). *A Geração Sanduíche – Entre filhos adolescentes e pais idosos*. Lisboa: Difusão Cultural.

# Anexos

---



Anexo 1.a

**Escala de Familismo/Individualismo de Fontaine & Matias (2003)**

**Itens de Solidariedade Familiar - Familismo**

1 = Discordo Totalmente	2 = Discordo em Parte	3 = Não Concordo, Nem Discordo	4 = Concordo em Parte	5 = Concordo Totalmente				
1. Deve ser-se completamente leal com a nossa família.				1	2	3	4	5
2. Deve-se honrar e proteger a reputação da nossa família.				1	2	3	4	5
3. Deve-se estar disposto a fazer sacrifícios pela nossa família.				1	2	3	4	5
4. Os problemas da família devem ser resolvidos em família.				1	2	3	4	5
5. Deve partilhar-se a casa com pais e irmãos sempre que estes necessitarem.				1	2	3	4	5
6. Deve-se consultar os membros da família no que respeita a decisões importantes.				1	2	3	4	5
7. Deve apoiar-se financeiramente os pais e sogros, sempre que estes necessitarem.				1	2	3	4	5
8. Pais e filhos devem ficar juntos, o mais possível.				1	2	3	4	5

**Itens de Individualismo**

1 = Discordo Totalmente	2 = Discordo em Parte	3 = Não Concordo, Nem Discordo	4 = Concordo em Parte	5 = Concordo Totalmente				
1. Ajo da mesma forma, apesar das opiniões da minha família.				1	2	3	4	5
2. Apesar do que os outros elementos da família possam dizer, geralmente faço o que eu acho que é melhor para mim.				1	2	3	4	5
3. Habitualmente faço as minhas coisas como me apetece.				1	2	3	4	5
4. Fico muito ofendido/a com qualquer invasão da minha privacidade pessoal.				1	2	3	4	5
5. Prefiro depender de mim, do que dos outros.				1	2	3	4	5
6. Face a um problema pessoal é melhor decidir sozinho do que seguir o conselho de algum familiar.				1	2	3	4	5
7. Gosto de ser único/a e diferente dos outros.				1	2	3	4	5
8. Não se deve sacrificar os próprios interesses em benefício da família.				1	2	3	4	5

Anexo 1.b

**Itens da “Escala do Altruísmo”**

1 = Discordo Totalmente	2 = Discordo em Parte	3 = Não Concordo, Nem Discordo	4 = Concordo em Parte	5 = Concordo Totalmente				
1. Algumas pessoas pensam que sou egoísta.				1	2	3	4	5
2. Tento ser cortês com toda a gente que conheço.				1	2	3	4	5
3. Algumas pessoas consideram-me frio e calculista.				1	2	3	4	5
4. Tento ter estima e consideração pelos outros.				1	2	3	4	5
5. Não sou conhecido por ser generoso.				1	2	3	4	5
6. A maioria das pessoas que conheço gosta de mim.				1	2	3	4	5
7. Acho que sou uma pessoa caridosa.				1	2	3	4	5
8. Se puder ajudar quem precisa, ajudo sempre.				1	2	3	4	5

Anexo 1.c

**Network of Relationships Inventory (Furman & Buhrmester, 1992)**

1. Nunca	2. Raramente	3. Por vezes	4. Frequentemente	5. Diariamente
----------	--------------	--------------	-------------------	----------------

1. Sinto-me satisfeito com a relação que tenho com os meus pais.	1	2	3	4	5
2. Os meus pais apontam-me defeitos e põem-me em baixo.	1	2	3	4	5
3. A relação com os meus pais é boa.	1	2	3	4	5
4. Os meus pais criticam-me.	1	2	3	4	5
5. Sinto-me feliz com o modo como as coisas estão entre mim e os meus pais.	1	2	3	4	5
6. Discuto com os meus pais.	1	2	3	4	5
7. Os meus pais dizem-me coisas duras e cruéis.	1	2	3	4	5

1. Sinto-me satisfeito com a relação que tenho com os meus filhos.	1	2	3	4	5
2. Os meus filhos apontam-me defeitos e põem-me em baixo.	1	2	3	4	5
3. A relação com os meus filhos é boa.	1	2	3	4	5
4. Os meus filhos criticam-me.	1	2	3	4	5
5. Sinto-me feliz com o modo como as coisas estão entre mim e os meus filhos.	1	2	3	4	5
6. Discuto com os meus filhos.	1	2	3	4	5
7. Os meus filhos dizem-me coisas duras e cruéis.	1	2	3	4	5

Anexo 1.d

**Escala de Idadismo de Fabroni**

1. Fortemente em desacordo					4. De acordo
2. Em desacordo	3. Nem de acordo nem em desacordo				5. Fortemente de acordo
1. O suicídio de adolescentes é mais trágico que o suicídio de pessoas idosas.	1	2	3	4	5
2. Muitas pessoas idosas são sovinas e guardam o seu dinheiro e posses.	1	2	3	4	5
3. Muitas pessoas idosas não estão interessadas em fazer novos amigos preferindo em vez disso o círculo de amigos que têm tido ao longo dos anos.	1	2	3	4	5
4. Muitas pessoas idosas só vivem no passado.	1	2	3	4	5
5. Conversas complexas e interessantes é algo que não se pode esperar da maior parte das pessoas idosas.	1	2	3	4	5
6. À maior parte das pessoas idosas não deveria ser permitido renovar a sua carta de condução.	1	2	3	4	5
7. A maior parte das pessoas idosas deveriam ser consideradas como tendo pouca higiene pessoal.	1	2	3	4	5
8. A maior parte das pessoas idosas podem ser irritantes porque repetem as mesmas histórias muitas vezes.	1	2	3	4	5
9. As pessoas idosas queixam-se mais que as outras.	1	2	3	4	5
10. Deveria haver associações desportivas que facilitassem que as pessoas idosas competissem ao seu próprio nível.	1	2	3	4	5
11. As pessoas idosas merecem os mesmos direitos e liberdades que os outros membros da nossa sociedade.	1	2	3	4	5
12. As pessoas idosas não necessitam de utilizar as facilidades desportivas da nossa comunidade.	1	2	3	4	5
13. Não se deveria confiar na maior parte das pessoas idosas para cuidarem das crianças.	1	2	3	4	5
14. É melhor que as pessoas idosas vivam onde não aborrecam ninguém.	1	2	3	4	5
15. A companhia da maior parte das pessoas idosas é muito agradável.	1	2	3	4	5
16. É triste ouvir-se falar sobre a situação lamentável das pessoas idosas na nossa sociedade hoje em dia.	1	2	3	4	5
17. A maior parte das pessoas idosas são interessantes.	1	2	3	4	5
18. Por vezes, evito o contacto ocular com as pessoas idosas quando as vejo.	1	2	3	4	5
19. Não gosto quando as pessoas idosas tentam estabelecer uma conversa comigo.	1	2	3	4	5
20. Sentir-se deprimido quando se está rodeado de pessoas idosas é provavelmente um sentimento comum.	1	2	3	4	5
21. As pessoas idosas deveriam encontrar amigos da sua própria idade.	1	2	3	4	5
22. Preferia não ir a um convívio numa associação de pessoas idosas, no caso de ser convidado.	1	2	3	4	5
23. Pessoalmente não gostaria de passar muito tempo com uma pessoa idosa.	1	2	3	4	5
24. Muitas pessoas idosas são mais felizes quando estão com pessoas da sua própria idade.	1	2	3	4	5
25. Preferia não viver com uma pessoa idosa.	1	2	3	4	5

## Anexo 1.e

### Escala da frequência de ajuda de Bengston

De uma forma geral, com que frequência **costuma ajudar os seus pais** nos seguintes aspectos?

PAI					MÃE			
Nunca	Poucas vezes	Frequentemente	Sempre		Nunca	Poucas vezes	Frequentemente	Sempre
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	Tarefas domésticas	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	Transportes e compras	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	Informação e conselhos	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	Apoio financeiro	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	Apoio emocional	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	Tomada de decisões importantes	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	Apoio em situação de doença	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

De uma forma geral, com que frequência **costuma ajudar os seus filhos** nos seguintes aspectos?

	Nunca	Poucas vezes	Frequentemente	Sempre
Tarefas domésticas	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Transportes e compras	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Informação e conselhos	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Apoio financeiro	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Apoio emocional	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Tomada de decisões importantes	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Apoio em situação de doença	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

Anexo 2

**Questionário Complementar**

1. Tem filhos? Não  Sim

Se sim, quantos? \_\_\_\_\_

Idades dos filhos: \_\_\_\_\_

Quantos estão a viver em casa: \_\_\_\_\_

2. Tem pai? Não  Sim  Idade \_\_\_\_\_

Tem mãe? Não  Sim  Idade \_\_\_\_\_

3. Indique, por favor, motivos porque ajuda os seus pais

\_\_\_\_\_

4. Com quem mora (a maior parte da semana/do tempo)?

\_\_\_\_\_

5. Se não mora com os seus pais, indique, por favor: Qual a distância entre a sua residência e a deles (em km)

1.  Menos de 10    2.  Entre 10 e 50    3.  Entre 50 e 200    4.  Mais de 200

6. No caso de ter filhos e já não morar com eles, indique, por favor: Qual a distância entre a sua residência e a deles (em km)

1.  Menos de 10    2.  Entre 10 e 50    3.  Entre 50 e 200    4.  Mais de 200

7. Indique, por favor, as suas habilitações literárias e do(a) seu/sua cônjuge.

	Próprio(a)	Cônjuge
Nunca estudou	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Ensino primário/ 1.º ciclo do Ensino básico (4.ª classe/ano)	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Ensino preparatório/2.º ciclo do Ensino básico (6.º ano)	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Ensino secundário unificado/3.º ciclo do Ensino básico (9.º ano)	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Ensino secundário complementar (12.º ano)	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>



# Quadros

---



**Quadro 1.** Percentagem de escolha de cada alternativa de resposta para os itens da Escala da solidariedade familiar (Familismo)

Itens	DT	DP	NC/ND	CP	CT
1	0,6	1,1	1,1	15,8	81,4
4	0,6	0	2,3	23,7	73,4
7	0,6	1,7	4	32,8	61
10	0	4,5	2,8	25,4	67,2
13	0	1,1	5,6	30,5	62,7
16	0	0	7,9	34,5	57,6
19	0	2,8	8,5	35	53,7
22	0	3,4	6,8	38,4	51,4

DT= Discordo Totalmente; DP= Discordo em Parte; NC/ND= Não concordo, Nem Discordo; CP= Concordo em Parte; CT= Concordo Totalmente

**Quadro 2.** Análise factorial em componentes principais com rotação varimax da Escala da solidariedade familiar (Familismo).

ITENS	FACTOR	
	1	COM
7	,688	,473
13	,629	,396
19	,614	,378
4	,596	,355
1	,523	,273
16	,514	,265
10	,503	,253
22	,501	,251
Valores próprios	2,644	
% de variância explicada	33,044	
% Comulativa	33,044	

**Quadro 3.** Percentagem de escolha de cada alternativa de resposta para os itens da Escala Individualismo

Itens	DT	DP	NC/ND	CP	CT
2	3,4	16,9	12,4	50,8	16,4
5	10,2	15,8	10,2	43,5	20,3
8	11,9	25,4	16,4	35	11,3
11	0,6	13	10,2	29,9	46,3
14	0,6	2,3	4	29,9	63,3
17	18,1	26	16,4	33,3	6,2
20	29,9	16,9	18,6	24,3	10,2
23	26,6	25,4	15,3	28,2	4,5

DT= Discordo Totalmente; DP= Discordo em Parte; NC/ND= Não concordo, Nem Discordo; CP= Concordo em Parte; CT= Concordo Totalmente

**Quadro 4.** Análise factorial em componentes principais com rotação varimax da Escala do Individualismo.

ITENS	FACTOR	
	1	COM
5	,706	,499
8	,665	,442
11	,636	,405
2	,580	,336
23	,563	,317
17	,562	,315
14	,355	,126
20	-,049	,002
Valores próprios	2,442	
% de variância explicada	30,524	
% Cumulativa	30,524	

**Quadro 5.** Percentagem de escolha de cada alternativa de resposta para os itens da Escala do Altruísmo.

<b>Itens</b>	<b>DT</b>	<b>DP</b>	<b>NC/ND</b>	<b>CP</b>	<b>CT</b>
<b>3</b>	28,8	19,8	27,1	18,1	6,2
<b>6</b>	1,7	2,3	8,5	38,4	49,2
<b>9</b>	42,4	19,2	21,5	13,0	4,0
<b>12</b>	1,1	0,6	2,8	32,2	63,3
<b>15</b>	35,6	28,2	22,0	7,9	6,2
<b>18</b>	0,6	1,7	24,3	43,5	29,9
<b>21</b>	0,6	4,0	17,5	50,8	27,1
<b>24</b>	0	1,1	9,0	37,3	52,5

DT= Discordo Totalmente; DP= Discordo em Parte; NC/ND= Não concordo, Nem Discordo; CP= Concordo em Parte; CT= Concordo Totalmente

**Quadro 6.** Análise factorial em componentes principais com rotação varimax da Escala do Altruísmo.

<b>ITENS</b>	<b>FACTOR</b>	
	<b>1</b>	<b>COM</b>
<b>18</b>	,686	,471
<b>21</b>	,606	,368
<b>12</b>	,548	,300
<b>24</b>	,531	,282
<b>15</b>	-,506	,256
<b>9</b>	-,481	,231
<b>6</b>	,475	,226
<b>3</b>	-,463	,214
<b>Valores próprios</b>	2,347	
<b>% de variância explicada</b>	29,342	
<b>% Cumulativa</b>	29,342	

**Quadro 7.** Percentagem de escolha de cada alternativa de resposta para os itens da Escala da qualidade da relação com os pais.

Itens	N	R	PV	F	D
1	0,6	2,3	16,4	52,5	28,2
2	33,3	48,6	13,6	4,0	<b>0,6</b>
3	0	2,8	9,6	32,8	54,8
4	18,1	53,1	22,6	5,1	1,1
5	2,3	4,0	16,4	46,9	30,5
6	23,7	50,8	21,5	4,0	<b>0</b>
7	<b>73,4</b>	17,5	4,5	4,5	<b>0</b>

N= Nunca; R= Raramente; PV= Por vezes; F= Frequentemente; D= Diariamente.

**Quadro 8.** Análise factorial em componentes principais com rotação varimax da Escala da Qualidade da relação com os pais.

FACTORES			
ITENS	1	2	COM
4	,825	-,160	,706
7	,786	-,249	,679
6	,781	,076	,615
2	,721	-,356	,646
1	-,108	,914	,847
5	-,127	,908	,841
3	-,111	,420	,189
<b>Valores Próprios</b>	2,466	2,057	
<b>% de variância explicada</b>	35,233	29,380	
<b>% Comulativa</b>	35,233	64,613	

**Quadro 9.** Percentagem de escolha de cada alternativa de resposta para os itens da Escala da qualidade da relação com os filhos.

Itens	N	R	PV	F	D
1	1,1	0	4,5	30,5	63,8
2	35,0	41,2	18,6	2,8	2,3
3	0,6	0	4,5	32,2	62,7
4	16,4	40,7	35,0	5,6	2,3
5	0,6	1,7	3,4	34,5	59,9
6	10,2	46,3	32,2	10,7	0,6
7	71,2	18,1	8,5	2,3	0

N= Nunca; R= Raramente; PV= Por Vezes; F= Frequentemente; D= Diariamente.

**Quadro 10.** Análise factorial em componentes principais com rotação varimax da Escala da Qualidade da relação com os filhos.

FACTORES			
ITENS	1	2	COM
5	,918	-,125	,858
1	,887	-,208	,830
3	,875	-,191	,802
7	-,194	,759	,613
2	-,046	,724	,527
6	-,176	,683	,497
4	-,156	,672	,476
<b>Valores Próprios</b>	2,489	2,113	
<b>% de variância explicada</b>	35,562	30,185	
<b>% Cumulativa</b>	35,562	65,747	

**Quadro 11.** Percentagem de escolha de cada alternativa de resposta para os itens da Escala do Idadismo.

<b>Itens</b>	<b>FD</b>	<b>ED</b>	<b>NA/ND</b>	<b>DA</b>	<b>FA</b>
<b>1</b>	6,2	14,1	21,5	36,2	22
<b>2</b>	2,8	14,1	28,2	42,9	11,9
<b>3</b>	1,1	14,7	27,7	46,9	9,6
<b>4</b>	1,7	12,4	31,6	46,3	7,9
<b>5</b>	18,1	46,3	22	12,4	1,1
<b>6</b>	7,3	27,1	32,8	23,2	9,6
<b>7</b>	24,9	42,4	22,6	9	1,1
<b>8</b>	11,9	34,5	31,1	21,5	1,1
<b>9</b>	5,1	19,8	23,2	45,8	6,2
<b>10</b>	4,0	1,7	14,1	50,8	29,4
<b>11</b>	1,1	0,6	2,3	26	<b>70,1</b>
<b>12</b>	45,2	39	11,9	2,8	1,1
<b>13</b>	27,1	44,1	20,9	7,3	0,6
<b>14</b>	<b>70,6</b>	22,6	2,3	0,6	4
<b>15</b>	1,1	3,4	26,6	50,8	18,1
<b>16</b>	0,6	1,7	5,1	42,9	49,7
<b>17</b>	<b>0</b>	2,3	29,9	55,4	12,4
<b>18</b>	59,3	31,1	7,3	1,1	1,1
<b>19</b>	52	38,4	7,9	1,7	0
<b>20</b>	35,6	39,5	19,8	5,1	0
<b>21</b>	19,2	33,9	27,1	14,7	5,1
<b>22</b>	37,3	42,9	15,8	2,8	1,1
<b>23</b>	30,5	39,5	23,2	4	2,8
<b>24</b>	1,7	17,5	42,9	31,6	6,2
<b>25</b>	22,6	42,9	27,1	5,6	1,7

FD= Fortemente em Desacordo; ED= Em Desacordo; NAND= Nem de acordo nem em desacordo; DA= De Acordo; FA= Fortemente de Acordo.

**Quadro 12.** Análise factorial em componentes principais com rotação varimax da Escala do Idadismo.

<b>ITENS</b>	<b>FACTORES</b>			<b>COM</b>
	<b>1</b>	<b>2</b>	<b>3</b>	
<b>22</b>	,746	,151	,123	,288
<b>23</b>	,737	,153	,004	,566
<b>16</b>	-,681	,061	-,058	,471
<b>25</b>	,620	,256	-,140	,469
<b>18</b>	,594	,037	,234	,410
<b>17</b>	-,578	-,059	-,058	,340
<b>20</b>	,571	,197	-,179	,397
<b>15</b>	-,525	-,063	-,238	,337
<b>19</b>	,484	,184	,270	,341

14	,428	-,006	,263	,252
4	,097	,659	-,183	,477
2	,091	,610	-,187	,416
5	-,066	,583	,056	,347
3	,198	,581	-,172	,406
9	,127	,574	,015	,329
7	,077	,562	,294	,408
6	-,038	,530	,283	,363
8	,252	,525	,306	,433
24	,166	,457	-,072	,242
21	,324	,427	-,004	,595
1	-,022	,299	-,280	,168
12	,065	,047	,683	,553
11	-,275	,057	-,639	,488
13	,135	,422	,597	,472
10	-,043	,264	-,508	,346
<b>Valores Próprios</b>	<b>4,035</b>	<b>3,618</b>	<b>2,261</b>	
<b>% de variância explicada</b>	<b>16,140</b>	<b>14,474</b>	<b>9,042</b>	
<b>% Cumulativa</b>	<b>16,140</b>	<b>30,614</b>	<b>39,656</b>	

**Quadro 13.** Percentagem de escolha de cada alternativa de resposta para os itens da Escala de ajuda ao Pai.

Itens	N	PV	F	S
1	15,8	75,7	5,6	2,8
2	10,7	72,9	9,6	6,8
3	4,5	14,7	72,9	7,9
4	28,8	66,1	1,7	3,4
5	5,6	14,1	68,4	11,9
6	6,8	16,4	67,2	9,6
7	4	7,9	63,3	24,9

N= Nunca; PV= Poucas Vezes; F= Frequentemente; S= Sempre

**Quadro 14.** Análise factorial em componentes principais com rotação varimax da Escala da Ajuda ao Pai.

ITENS	FACTOR	
	1	COM
5	,875	,766
3	,852	,726
6	,817	,668
7	,748	,559
2	,665	,442
1	,639	,409
4	,598	,358
Valores próprios	3,927	
% de variância explicada	56,099	
% Cumulativa	56,099	



**Quadro 15.** Percentagem de escolha de cada alternativa de resposta para os itens da Escala de ajuda à Mãe.

<b>Itens</b>	<b>N</b>	<b>PV</b>	<b>F</b>	<b>S</b>
<b>1</b>	14,1	57,1	20,9	7,9
<b>2</b>	7,3	27,1	52	13,6
<b>3</b>	4,5	15,3	66,1	14,1
<b>4</b>	35	51,4	5,1	8,5
<b>5</b>	2,8	17,5	54,8	24,9
<b>6</b>	6,8	19,8	52	21,5
<b>7</b>	3,4	10,7	41,8	44,1

N= Nunca; PV= Poucas Vezes; F= Frequentemente; S= Sempre

**Quadro 16.** Análise factorial em componentes principais com rotação varimax da Escala da Ajuda à Mãe.

<b>ITENS</b>	<b>FACTOR</b>	
	<b>1</b>	<b>COM</b>
<b>3</b>	,833	,694
<b>6</b>	,829	,688
<b>5</b>	,816	,666
<b>2</b>	,721	,519
<b>7</b>	,718	,516
<b>1</b>	,709	,502
<b>4</b>	,522	,273
<b>Valores próprios</b>	<b>3,858</b>	
<b>% de variância explicada</b>	<b>55,110</b>	
<b>% Comulativa</b>	<b>55,110</b>	

**Quadro 17.** Percentagem de escolha de cada alternativa de resposta para os itens da Escala de ajuda aos filhos.

Itens	N	PV	F	S
1	7,3	20,3	29,9	42,4
2	2,3	13,6	34,5	49,7
3	1,1	6,2	36,7	55,9
4	0,6	5,6	15,3	<b>78,5</b>
5	1,1	6,8	29,4	62,7
6	1,7	10,2	28,2	59,9
7	2,3	3,4	6,8	<b>87,6</b>

N= Nunca; PV= Poucas Vezes; F= Frequentemente; S= Sempre

**Quadro 18.** Análise factorial em componentes principais com rotação varimax da Escala da Ajuda aos Filhos.

ITENS	FACTOR	
	1	COM
5	,815	,665
6	,813	,660
4	,781	,610
3	,725	,525
2	,696	,484
7	,681	,464
1	,638	,407
Valores próprios	3,816	
% de variância explicada	54,508	
% Cumulativa	54,508	

**Quadro 19:** Análise da regressão múltipla para a VD: *ajuda ao pai*.

Modelo	Preditores	R	R Square	Adjusted R Square	$\beta$	t	p	Tolerância	VIF (Variance Inflation Factor)
1	Qualidade da relação com os pais - satisfação	,298	,089	,082	,298	3,694	,000	1,000	1,000

**Quadro 20:** Análise da regressão múltipla para a VD: *ajuda à mãe*.

Modelo	Preditores	R	R Square	Adjusted R Square	$\beta$	t	p	Tolerância	VIF (Variance Inflation Factor)
2	Qualidade da relação com os pais - satisfação	,497	,247	,236	,335	4,479	,000	,967	1,034
	Sexo				-,310	- 4,147	,000	,967	1,034

**Quadro 21:** Análise da regressão múltipla para a VD: *ajuda aos filhos*.

Modelo	Preditores	R	R Square	Adjusted R Square	$\beta$	t	p	Tolerância	VIF (Variance Inflation Factor)
6	Qualidade da relação com os pais - satisfação	,716	,513	,495	,513	8,070	,000	,731	1,369
	Sexo				-,220	-3,805	,000	,885	1,130
	Idade				-,198	-3,493	,001	,922	1,085
	Familismo				-,175	3,082	,002	,914	1,094
	Qualidade da relação (criticismo)				-,125	-2,126	,035	,850	1,176
	Estado civil				-,115	-2,037	,043	,925	1,082